17 MARÇO 1928

Careta

NUMERO 1030 ANNO XXI

PREÇO DE CARETA NOS ESTADOS 600 RÉIS

AS ELEIÇÕES EM S. PAULO

PRADO JUNIOR. — Olhe, papae, não se amofine. Se o senhor faz questão de vencer como democratico, entre para o Club dos Democraticos aqui no Rio, que eu o protegerei...

500 Réis

—Nosso "Excellentissimo Senhor Doutor"

"NÃO, não é o Presidente da Republica, diz Stellinha. E' apenas o nosso medico, o Dr. Pedro Calvo. Papae o trata de vez em quando de "Vossa Excellencia" porque, diz elle: "és o medico e amigo mais 'excellente' deste mundo." — Perfeitamente, disse outro dia o Dr. Pedro, mas isto não me adeanta quando eu chegar no ceu. . . ?—Não sabem vocês que vou-me vêr em apuros quando lá chegar? Porque Dr.? — Quando São Pedro perguntar: "quem stá 'hi?" e eu lhe responder: "sou eu, Pedro Calvo," ha de pensar S. Pedro que eu esteja zombando e fazendo pouco delle."

SEU campo de actividade não são as clinicas luxuosas nem as salas solemnes de cirurgia; a sua acção é nos lares. Diariamente visita-os, distribuindo consolo e allivio, com a solicitude de um verdadeiro pae.

Quando se trata de dôres de cabeça, de dentes, de ouvido, nevralgias, etc., elle receita, invariavelmente,

CAFIASPIRINA

sabendo que esse remedio não só dá allivio rapido e restaura as forças deprimidas pela dôr, como jamais põe em perigo a saude dos clientes, porque a **Cafiaspirina** não affecta o coração nem os rins.

E o Dr. Pedro Calvo está sempre repetindo com um benevolo sorriso por baixo do seu bigode grisalho: "á meia noite é que apparecem as bruxas e as dôres. Ora, á meia noite as pharmacias estão fechadas; por isso é preciso ter sempre em casa agua benta contra as bruxas e **Cafiaspirina** contra as dôres."

CAFIASPIRINA é o analgesico do lar. Os medicos a receitam com enthusiasmo e todo o mundo a toma com absoluta confiança, para as dôres de cabeça, dentes e ouvidos; as nevralgias, as consequencias de noitadas, excessos alcoolicos, etc.

Na proxima vez Stellinha lhes apresentará o carinho de sua vida, o "amor de seus amores"—a sua Babá. E' a mais humilde, porém, a mais encantadora da casa. Não deixem de conhecel-a!

Licenciado pela Directoria Geral de Saude Publica sob o N. 209 em 15-10-1916.

Como se faz uma fita

Não é atôa que um sujeito qualquer é rei de qualquer coisa. Quando elle toma ou acceita um titulo tem a sincera intenção de occupar o melhor lugar no espaço e comer a melhor fatia de queijo universal. Do contrario não valia a pena ser rei de coisa alguma, nem mesmo rei dos ladrões ou rei dos empregados no commercio (caso que só cabe ao marido da rainha, quando casar).

E sendo rei, o cavalheiro favorecido pelas circumstancias, torna se psychologo; elle pergunta: — Si ha ainda idiotas que acreditam mesmo que eu sou rei e não homem como elles, necessariamente... elles são idiotas, e, neste caso, tudo quanto eu fizer ou disser não é idiota.

E vai d'ahi e vem de lá um ex-rei e lança um grito de angustia pela morte das nossas borboletas e dos nossos passaros. Que coração de ouro desse homem que não hesitou em lançar o seu paiz numa guerra em que morreram algumas centenas de mil idiotas de modo mais inutilmente glorioso que se imagina.

Mas, va lá que esses idiotas valessem menos que os nossos passaros e as nossas borboletas. O caso é que esses bugres germanophilos ou turcophilos não fazia falta á collecção de cretinos do rei, ao passo que, provavelmente, nas collecções entomologica do piedoso cavalheiro devem fazer uma grande falta os nossos ticos ticos, pica-paus e sabiás-cicos, não falando nas boboletas que dão muito dinheiro aos sabios entomalogistas da Europa.

Como se vê uma fita é facil de fazer, mesmo neste paiz de bugres fiteiros e genios cinematologicos.

Cera Dr. Lustosa
PASSA A DÔR DE DENTES
Em 5 Minutos!

Confissão inconsciente

O Silva conversa com a esposa:

— Este mundo está mesmo uma pouca vergonha! Então na nossa cidade, acho que só ha um marido que não é enganado pela mulher

E ella, ingenuamente:

— Quem é, hein?!

* * * A balança mais perfeita do mundo acha-se no Bank of England, onde é utilizada na pesagem do ouro.

PENSAMENTO

Duas cousas constituem o poeta e o artista: saber elevar se á maior altura da realidade e permanecer dentro dos limites da perfeição physica. E' artistico tudo o que concilia estas duas condições.

GOETHE

VENENO DE EVA

— Sabes ? A Castorina hontem esteve lá em casa só para contar que o noivo comprou a mobilia de quarto de páu-setim.

— Pois olha: para ella, páu-setineta ainda era muito.

* * *

— Zelinda, minha filha! Tu tens coragem de ir com esse vestido tão simples ao baile da D. Candoca?

— Não se incommode, Mamãe, A filha della, a Claudina, disse que eu fico muito mal com este vestido. Comprehende?

* * * Os nós das madeiras corresponde aos pontos em que os ramos principaes sahem do tronco de arvore. E' natural que, nos referidos pontos, haja maior resistencia no tronco.

Embora em certas arvores (faia, olmo, cedro) achem se nós na superficie do lenho, este facto prova que esses nós são o signal de rebentos que não cresceram e que são comprimidos pela materia que os rodeia, até ficarem excessivamente duros

* * * Por influencia do italiano, usa-se do feminino «bugia» (mentira, pêta); e por derivação árabe o antigo portuguez tem o homonymo «bugia» (véla para castiçal, lustre ou candelabro), sendo neste sentido muito usual o termo. Como equivalente a macaco usa-se do termo, nesta expressão: «cára de bugio», o mesmo que «cára de mono» (diz se do individuo feio e tambem dos antigos labrêgos de bigóde e queixo rapado, que usavam da tal barba de «passa-piolho», como vulgarmente era chamada).

* * * São falados actualmente no mundo 2.796 linguas. Naturalmente o numero de dialectos e mesmo de patuás será muito maior do que o de idiomas propriamente ditos.

Desse total, são consideradas importantes 860 linguas, das quaes 48 são da Europa 153 da Asia, 18[illegible] da Africa, 124 da America e 117 da Oceania.

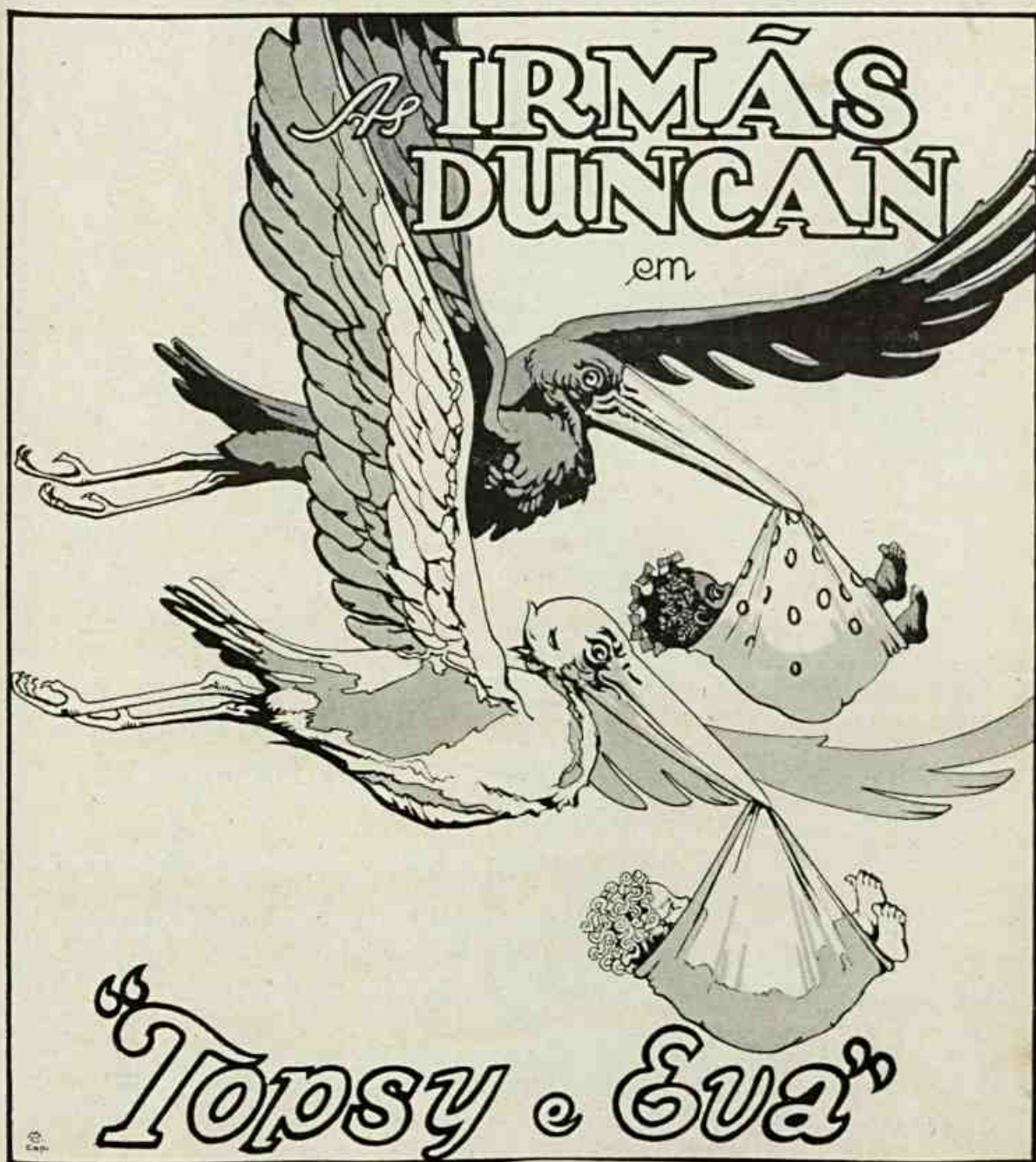
* * * Ao rasgão de serras entre valles apertados ou á entrada escancarada de um desfiladeiro entre morros davam os nossos antigos o nome de «bocão» (augmentativo de bôcca, certamente). Mas o «bôcão» é sempre menor que o «buracão» e o «boqueirão».

Temos tambem o termo «boquête», dado á bocca estreita de um rio, na sua fóz ou quando faz barra em outro; e corresponde ao JURUMIRIM dos indios.

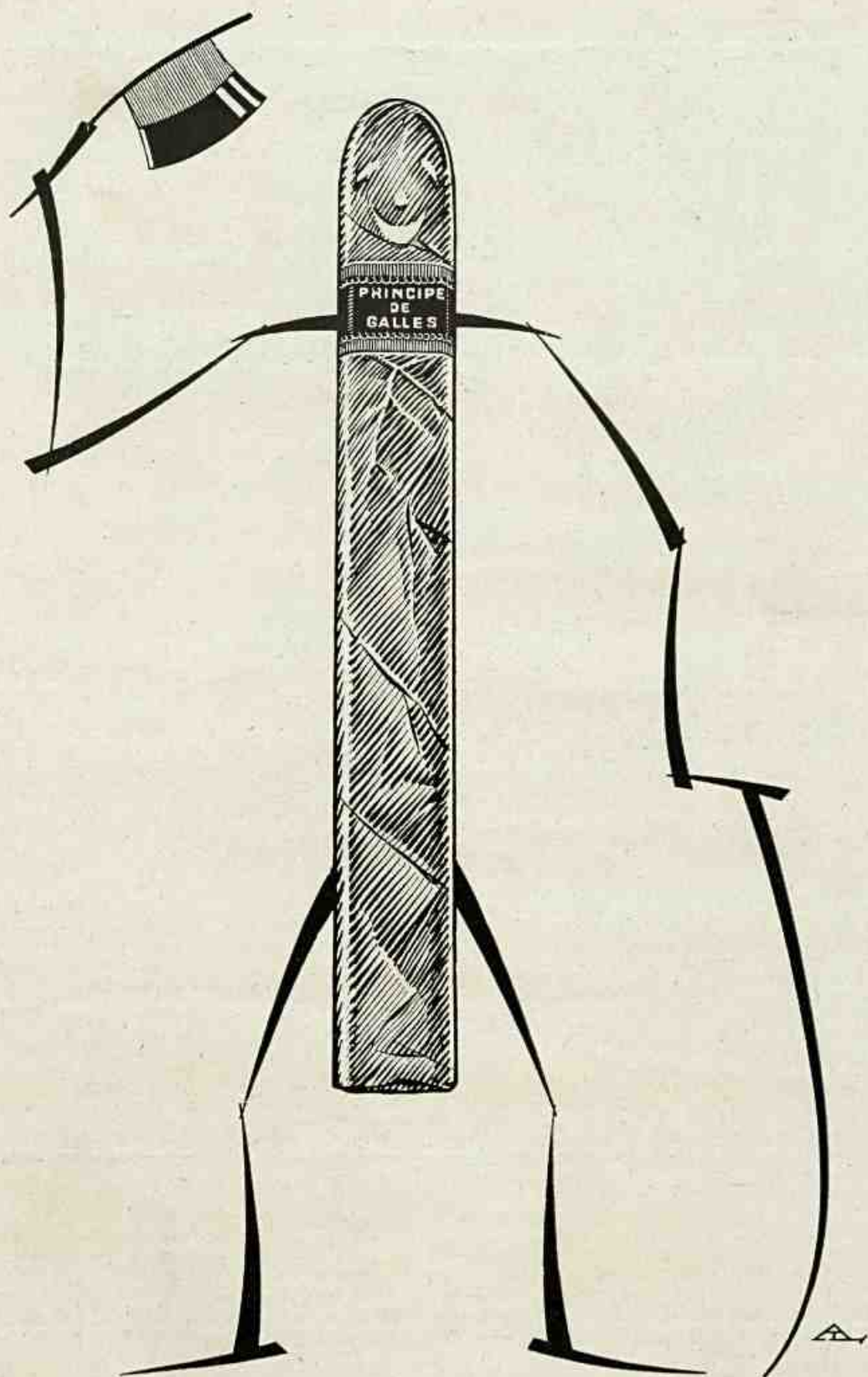
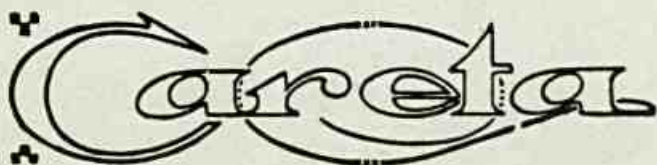
Um dos mais bellos systemas de astros é o systema triplo de sóes, tendo por principal a estrella ALMACK da constellação de Andromeda.

E' essa uma bella estrella amarella de segunda grandeza, notavel como estrella multipla. Distingue se, mesmo a olho nú, sua companheira, pequena estrella verde, que tambem se desdobra numa verde e noutra azul, gravitando uma em torna da outra e juntas em torno da principal.

* * * O QUARÁ é chamado tambem lobo brasileiro. E' a maior especie brasileira da familia dos canideos Seu couro é felpudo, vermelho claro, com uma raja preta no cangote, mancha branca na garganta, um triangulo escuro na parte inferior do pescoço e no peito; suas patas são negras e tão compridas, que lembram as do galgo. E' animal arisco e covarde para o seu tamanho, só ataca animaes pequenos; pacas, cotias, lebres, etc, não desdenhando tambem a alimentação vegtal, pois come a chamada FRUCTA DO LOBO (SOLANUM LYCOCARPUM) e, as vezes, bananas e canna.

Attinge a 1m e 45 de comprimento e 75c de altura. O nosso Jardim Zoologico possue um lindo exemplar desse lobo.

UM FILM DA UNITED ARTISTS

Em exhibição depois de amanhã, dia 19,

.... no Cinema Gloria ....

COSTA, PENNA & Cia SÃO FELIX (BAHIA)

J. Schmidt. — Director-Proprietario

Roberto Schmidt. — Gerente

REDACÇÃO E OFFICINAS: — RUA FREI CANECA N. 383 — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA SOB REGISTRO

ANNO. . . . 43$000 | SEMESTRE . . 22$000

END. TELEG. KÓSMOS

NUMERO AVULSO

CAPITAL . . 500 Rs. | ESTADOS . . 600 Rs.

TELEPHONE VILLA 4994

Este numero contém 44 paginas.

N. 1030 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 17 — MARÇO — 1928 — ANNO XXI

Looping the Loop

Os Males que vêm... Parabens!

A lagrima de saudade dos mortos é a liquefação, a forma liquida do suspiro de allivio que se sente pelo menos — um indispensavel á nossa existencia. Não importa o sentimentalismo, a dor que deixa o ser amado; esse mesmo adorado individuo vêm alliviar consideravelmente o peso da vida dos outros. A lagrima exprime nos olhos de quem soffre essa descarga no HANDICAP dos que correm pela mesma trilha.

A hypocrisia ou a sinceridade com que se encaram os ininterruptos morticinios é um aspecto pitoresco da questão decisiva do ser e do não ser.

A sciencia, que tem respondido por muita insensatez e muita ignorancia, póde attestar friamente a irremissivel necessidade de morte que sente a vida e póde medir em qualquer sentido esse circulo da eterna rotação de todos os séres. A lagrima não obsta a que isso seja rigorosamente assim.

Cada um de nós, afinal, só póde ser feliz, não póde siquer subsistir, sobreviver, sem acompanhar cortejos funebres e sem ler cuidadosamente os obituarios. A nossa vida está á mercê da vida alheia, si não morrem por nós, morremos nós pelos outros. E isso é o que se dá em todas as direcções.

Nominalmente ou impessoalmente ha individuos que só nos servem para morrer, sêres cuja morte é irrevogavelmente a condição exacta de nossa vida, de nossa alegria e de nossa prosperidade. E ainda mesmo que o contrario nos succeda, as existencias que nos embaraçam têm o seu determinismo conjugado estreitamente ao nosso.

Si morrer é bom, em geral isso é indifferente; o morrer dos outros é em particular optimo para nós, e o nosso ainda melhor para os outros.

Um homem simples e sincero deseja com perfeita naturalidade a morte de uns tantos individuos que elle sabe serem os unicos obstaculos antepostos ao longo de sua estrada. Em geral nós vivemos fazendo energicos votos pelo feliz desapparecimento de cavalheiros e damas que vivem na nossa intimidade e que têm interesses obliquos ou parallelos aos nossos. E sempre nos admiramos que tanta gente se obstine em viver não obstante o ardor das nossas fulminações mentaes. D'ahi talvez o perdão que á maioria merece o matador, individuo que executa por si mesmo a sentença contra o inimigo que lhe barra o caminho.

E' bem isso a luta pela vida; velha luta, luta eterna que une os lobos entre si e divide os homens entre todos. Nos tempos primitivos passaram se as coisas como nas nossas éras democraticas e constitucionaes. Hoje é ainda um pouco peior, reina abertamente a guerra de homem a homem, um corpo a corpo sinistro e civilisado, em que a sobrevivencia é um caso rude e urgente, com aspectos de naufragio e de incendio. A ferocidade social é aggravada pelo surdo imperio economico, sob o qual a morte se transforma em escravidão, de sorte que cada qual procura escravisar o amigo que não póde matar.

Cada vida se torna uma necessidade imprescriptivel de outra vida. Si não se mata impulsivamente ou tão depressa como se formulam pensamentos eliminadores, faz-se um negocio melhor, retendo na vida um ser cuja capacidade economica está avaliada em todos os detalhes e póde ser posto a render os juros do nosso capital.

Mas mesmo assim todos lemos com secreta voluptuosidade os obituarios e os necrologios. São as paginas do mais emocionante dos romances. Os pulmões da cidade não são os jardins, como se comprazem de affirmar alguns poetas a soldo do jesuitismo coveiro, são os cemiterios, ridentes manufacturas do oxygenio que nos vivifica e alegra.

Dois Cavalleiros Arabes

DA UNITED ARTISTS PICTURE

Com os seguintes artistas

WILLIAM BOYD, MARY ASTOR e LOUIS WOLHEIM

SYNOPSE

William Daingerfield Phelps, soldado razo e o sargento Peter Mac Gaffney, dois americanos que pelejavam no «front», não eram bons camaradas. Viviam discutindo, não perdendo um a opportunidade de provocar outro. Certa noite, em que o bombardeio era mais cerrado, em que os obuzes e as granadas passavam sibillando por cima das suas cabeças, acharam elles de entrar em luta. No mais forte da contenda, vêm-se cercados percebendo então que o inimigo os havia aprisionado. Levados para o campo allemão, resolvem fazer uma alliança para que melhor se possam evadir e prestar auxilio á causa que agora era commum.

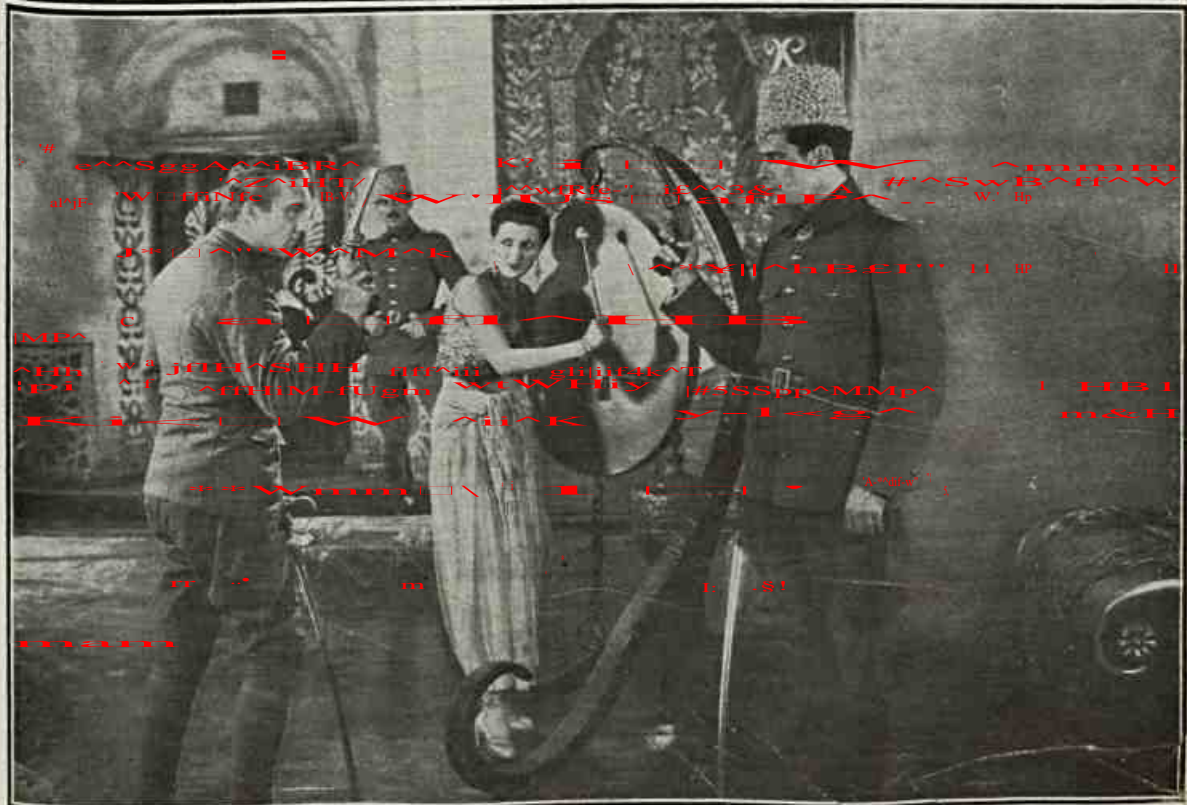
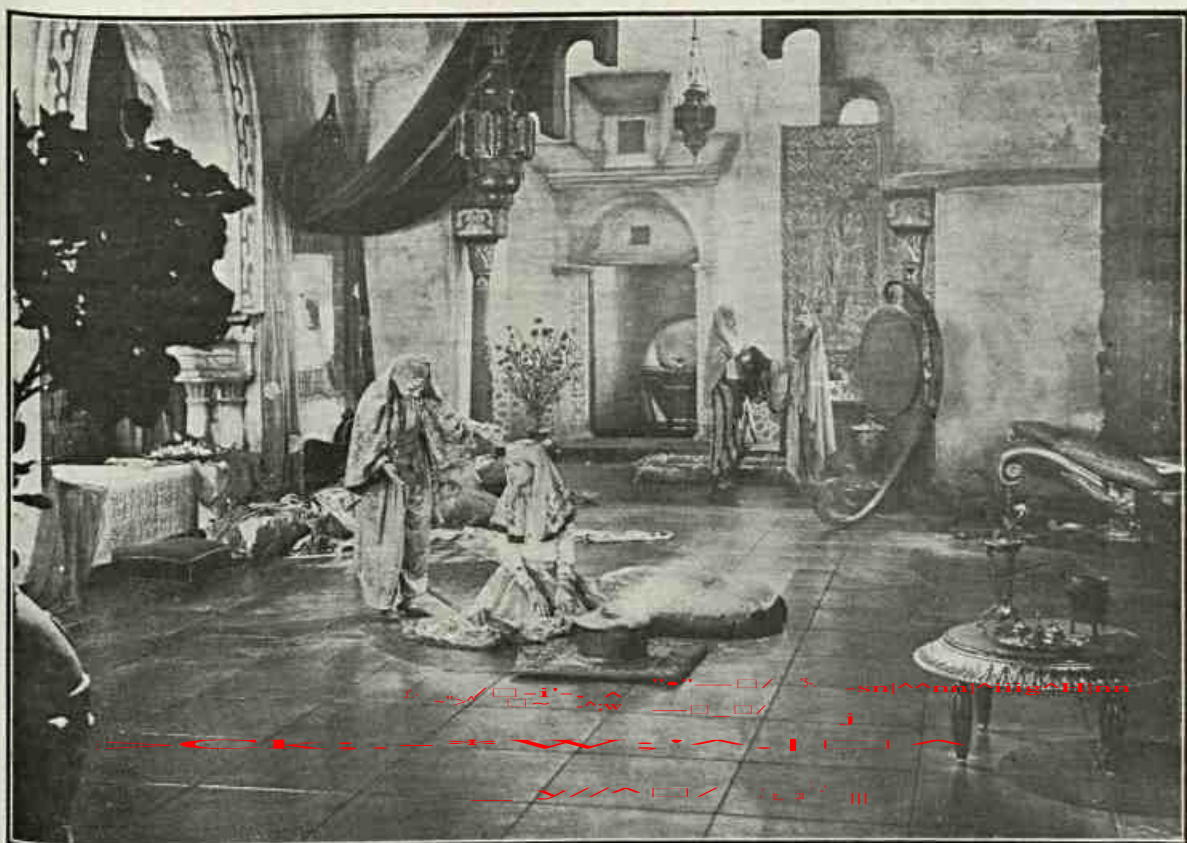
O campo era vigiado por terriveis cães que esperavam ensejo para pôr á prova os seus dentes afiados, e, se os mastins eram terriveis, os guardas não os perdiam de vista, empunhando as armas em attitude pouco amiga.

William e Peter, não fazem outra cousa sinão pensar na melhor maneira de sahir daquelle campo, vindo, uma noite, a inspiração a William que passa a expôr o seu plano.

Roubando as roupas de dois árabes, cobrem se com os vastos mantos brancos, confundindo-se com a neve que se estendia pela vasta planicie. De noite, as suas figuras alvas, collocando se nos elevados montes de gelo, passam despercebidos aos guardas.

Já longe da garra do inimigo, William e Peter tratam de escapar-se do territorio inimigo, escondendo-se a bordo de um vapor grego, que largava aquella mesma noite em direcção á Arabia.

A bordo viajava tambem uma bella oriental, cuja formosura elles somente adivinhavam, mas cujos lindos olhos haviam deitado a perder o coração de William, de Peter e do

DOIS CAVALLEIROS ARABES

commandante do barco, um ferrabraz temivel.

O jovem e sympathico Phelps foi o mais feliz dos tres enamorados, a pequena mostrou predilecção por elle e começou a corresponder á côrte que elle ousadamente, á americana, lhe fazia.

Jafia, a pequena cidade para onde a mysteriosa oriental se dirigia, estava a poucos metros do caes. Não desejando perder aquelle romance que se revestia do encanto das mil e uma noites, William e o «esperançoso» sargento Peter desembarcam, seguindo as pegadas da linda rapariga. Mal sabiam elles, que todas as passadas aventuras em que haviam arriscado a vida, seriam pequenos dissabores diante do que lhes estava reservado naquella terra, em que a cada canto surgia uma cara patibular e um nativo de olhar severo. A jovem, que tanto procuravam áquella hora, estava reclinada nos macios coxins do seu palacio, o palacio magestoso do Emir seu pae. Promettida em casamento a um official da milicia local, Anis Bin Adham, a formosa oriental, deixara o seu coração nas mãos de William Phelps e por elle suspirava. Um espião de Shevket, o noivo de Anis, descobre a presença dos dois americanos e corre avisar o ciumento noivo de que elles andavam arrastando a aza á linda e delicada flôr daquellas paragens.

Zelozo da sua honra, enciumado, feroz, como um leão, Shevket prepara-se para fazer pagar bem caro aos estrangeiros a ousadia de ter querido levantar os olhos para a sua Dulcinéa... Bons americanos, sabendo-se defender de qualquer ataque, athletas, ageis, donos de um sangue frio unico e sobretudo achando um sabor estranho em toda aquella aventura, os yankees zombam da ira daquelle «Othelo» oriental . . . Pregam-lhe as mais engraçadas partidas, desvencilhando-se da turba açulada contra elles pelo feroz Shevket.

Fugindo aos seus perseguidores, os bravos americanos penetram no Palacio do Emir, indo até a presença da bella Anis, que os trata de esconder, encantada com as peripecias que presenciara das venezianas da sua sala.

O palacio, na sua vida pacata de todos os dias, nunca vira tanta azafama, tanto movimento pelos seus corredores de marmore, pelas suas salas de azulejos preciosos e as suas formosas mulheres soltavam gritinhos de medo, diante da furia da perseguição...

Quando elles, finalmente, cahem nas mãos de Shevket, o consul americano os livra. O ciumento noivo, porém exige uma reparação pelas armas, o que é acceito promptamente por William Phelps.

Vendo que o seu rival não temia nada, Shevket diz que com elle não poderá lutar, pois que não se mediria com um inferior. O Emir, então, os declara «cavalleiros arabes» dando-lhes titulos.

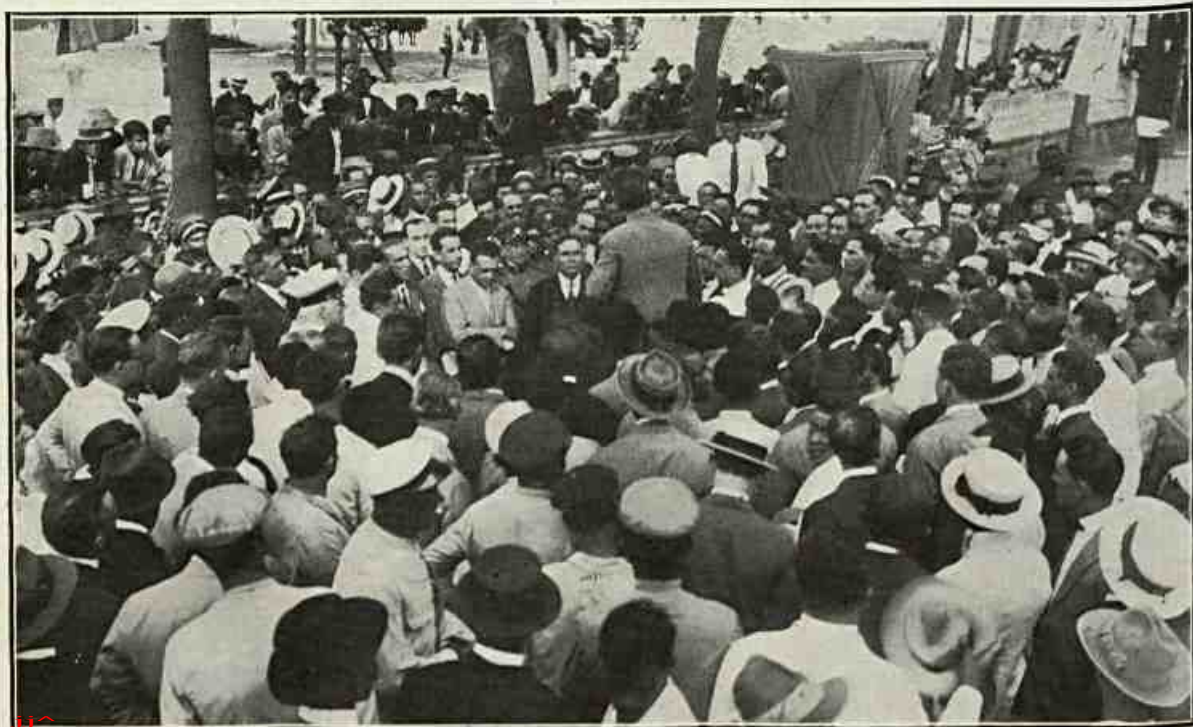
Shevket, porém, traiçoeiro que era, havia disposto tudo de maneira a que em dado momento os seus soldados se acercam dos americanos prendendo-os e levando-os para a camara de tortura.

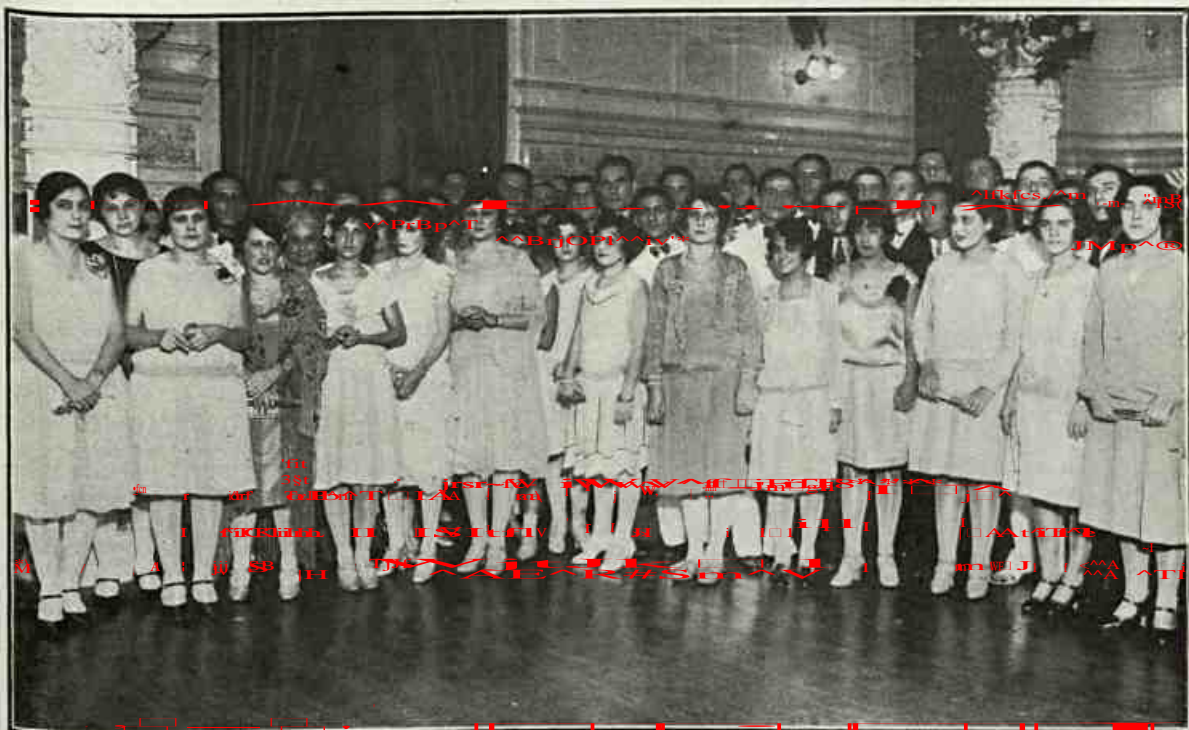
Lá mais uma vez a labia de Peter MacGaffney e de William Phelps é posta á prova, conseguindo elles, armados de cimitarras e de afiadas adagas, fugir do palacio, tomando o carro que esperava á porta Shevket e a formosa Anis, que elle raptara. A todo galope elles se afastam da cidade, chegando ao caes, onde um navio americano os levaria a salvo para a America. Nesse interim, o armisticio havia sido assignado e nada os impedia de gozar a vida calmamente, dando um passeio pela Broadway, ou ir ás diversões de Coney Island...

Anis, a formosa flôr, trocava as suas roupas e véos orientaes pelos vestidos da Quinta Avenida e as suas lindas sandalias de couro pelos sapatos das lindas filhas do occidente.

DOIS CAVALLEIROS ARABES

Da United Artists Picture

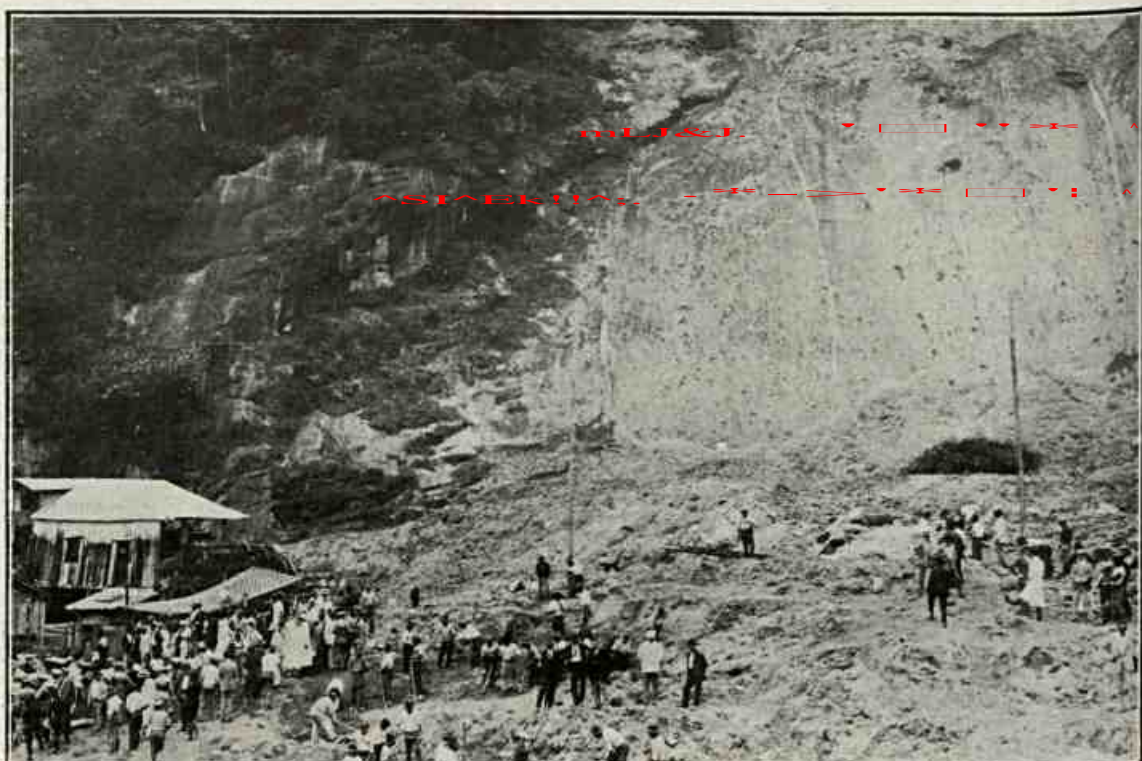
O Agiota. — Mas você não cansa de pedir dinheiro ? E depois ?
O Brasil. — Não sou eu que peço, são «elles». Eu tenho as costas largas...

Manifestação ao Sr. Sampaio Corrêa, Chefe da Missão Brazileira na Conferencia de Havana.

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO

Baile commemorativo ao 48.º anniversario.

AMOR ETHEREO

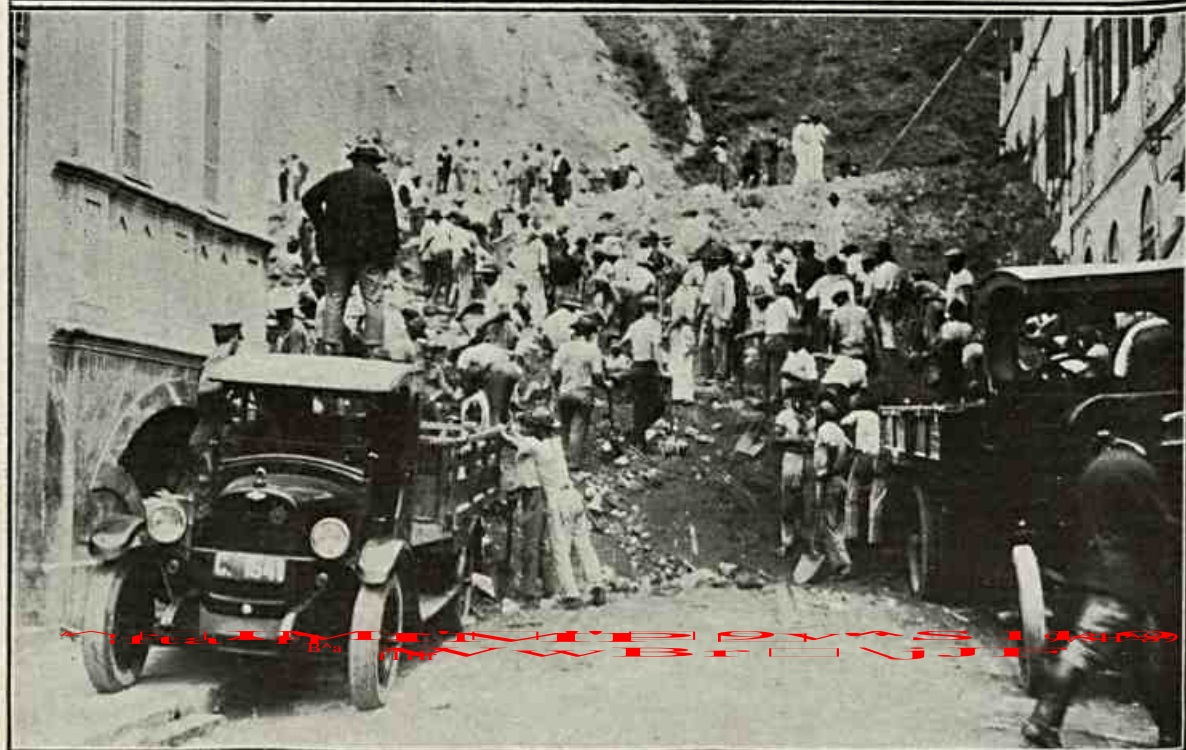
— O Sr. algum dia foi noivo ?

— Este anno, já. Conheci-a no domingo de Carnaval. Noivamos na segunda, mas na terça-feira estava tudo terminado !... Havia-se acabado o meu STOCK de lança-perfume...

O TERRIVEL DESABAMENTO DO MONTE SERRAT, EM SANTOS

I — Na falda do Monte Serrat. A avalanche corrida.

II — Estado da parte da Santa Casa attingida pelas terras do morro.

I — Os trabalhos de salvamento. — Uma vista da barreira que sepultou a ala da Santa Casa.
II — Larga parte do morro que correu sobre dezeseis casas e sobre o hospital.

O terrivel desabamento do Monte Serrat, em Santos

I — Vista parcial das casas destruidas na falda do morro.

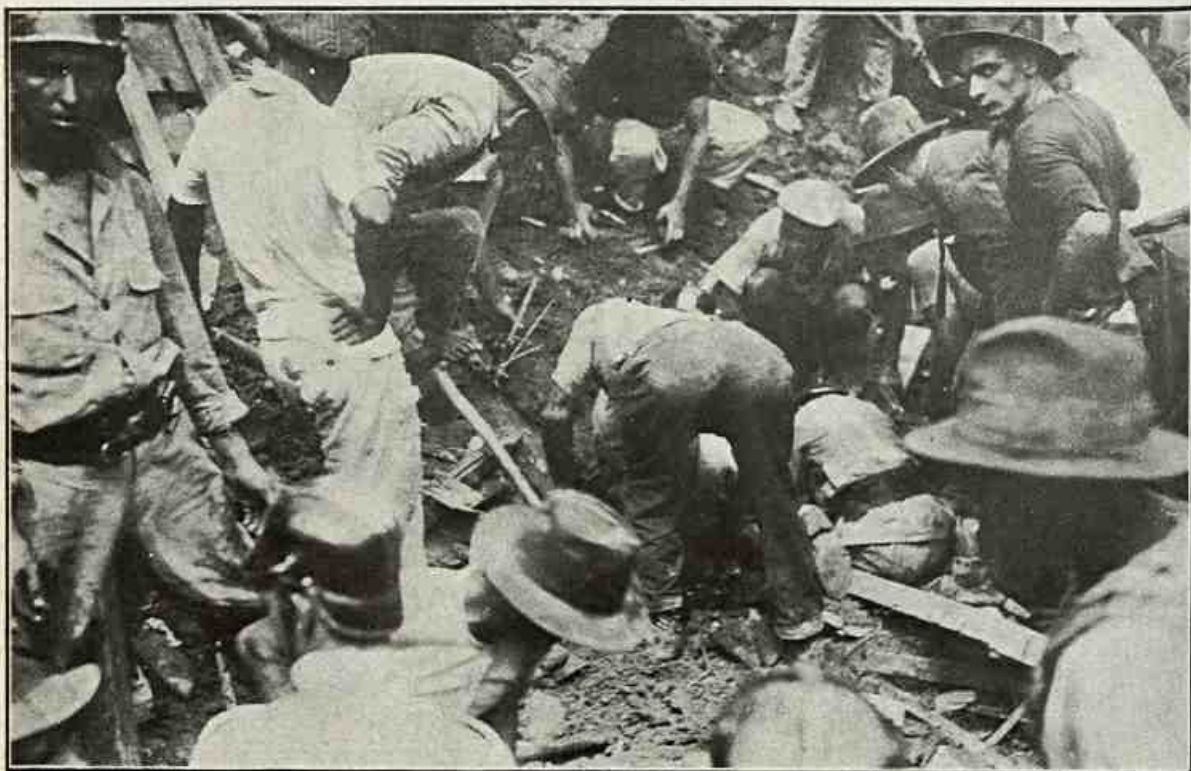
II — Operarios trabalhando no desentulho junto á Santa Casa, que foi parcialmente destruida.

"FOX"

O MELHOR CALÇADO DO MUNDO

Creação para todos os sports — Solaria de borracha americana com trave.

Peçam nas sapatarias de luxo.

O TERRIVEL DESABAMENTO DO MONTE SERRAT, EM SANTOS

I — No local mais duramente attingido pelo desabamento. A' procura das victimas.

II — A parte do necroterio do hospital sobre que caiu a aba do morro.

O TERRIVEL DESABAMENTO DO MONTE SERRAT, EM SANTOS

I — A acção do corpo de bombeiros no desentulho da Santa Casa em parte soterrada.
II — O edificio da Santa Casa, na parte attingida pela avalanche.

Uma aventura em Juventopolis

POR BERILLO NEVES

Quando cheguei á estação ferroviaria de Juventopolis notei que alguma cousa de anormal se estava passando na vida daquella pequena cidade do interior paulista. Soldados de policia, de armas embaladas, guardavam a estação e revistavam minuciosamente os viajantes, farejando caras suspeitas e exigindo exhibição de carteiras de identidade. Quando mostrei ao commandante da escolta (um sargento alto e espadaudo, que arrastava comsigo uma espada pouco menor que a de Carlos Magno), elle franziu o sobrolho, e me avisou, cauteloso:

— Tenha cuidado, «sió» moço, com as «madamas» grevistas. «Home de sciencia» nesta terra é «cousa ruim», corre perigo. P'ro mode um sabidão, a cidade «tá» pegando fogo...

Ia pedir ao policial a explicação daquellas palavras kabalisticas quando notei que o Manoel Fulgencio, o rei dos CHAUFFEURS de Juventopolis, e meu velho conhecido, me acenava com o BONET na mão, num alvoroço amigo:

— Prompto, seu doutor! O «fordsinho» está mesmo arrancando!

Sobracei as maletas esguias, já esquecido das advertencias do sargento, e corri a embarcar no vehiculo do Manoel Fulgencio, que era um carro esparramado e feio, bulhento como uma sogra de máo genio, e lerdo como um amanuense de repartição publica em manhã de segunda feira. O Manoel acolheu-me como um largo sorriso de hospitalidade, e á porta do carro escancarada, num enthusiasmo ruidoso.

— Então! Por aqui, outra vez, «seu» doutor! Temos caça de borboletas?

— Não, meu caro Manoel! desta vez ando em busca de maribondos. Tens alguma «casa» de maribondos lá para as tuas bandas?

— «Ué», «seu» doutor! Maribondos? Isso é lá bicho que se cace! Se o sr. topa com os maribondos de chapéo, adeus sciencia! E' mesmo que esse mulherio que anda por aqui, agora, alvoroçado que nem potro bravo quando escapole do curral!

— E' exacto, Manoel. Tambem o sargento da guarda da estação me falou nisso. Que confusão é essa de policia e de «madamas»?

O CHAUFFEUR tinha feito rodar o carro rumo á cidade. A rua que ia ter á estação, ainda mal calçada, fazia o carro subir e descer em guinadas violentas que lançavam as maletas contra a minhas pernas, em choques contundentes. Pela nossa frente cruzou, então, um cavalheiro alourado que corcoveava num bello cavalo alazão, arreiado de pratar as chocalhantes. Cumprimentou-nos com um largo gesto bonançoso, e seguiu «esquipando» numa grande arrancada, que o envolveu, todo, numa nuvem de poeira.

— Quem é aquelle moço?

— Moço? Olha o moço! (E Manoel Fulgencio riu, perdidamente, o que ainda mais fazia balançar o carro). Aquelle é o velho Tabatinga, o Tabatinga da fazenda Santa Helena. Ahi é que está a causa dessa complicação, toda, «seu» doutor.

— Francamente . . . não estou entendendo. Que tem que ver o Tabatinga com essa historia de policia e mulheres?

— Pois não reparou como elle está moço? Não se lembra que tinha as barbas brancas, e a pelle toda enrugada?

— Ah! sim, mas eu o conhecia vagamente. Pensei que fôsse o moço, o.... como se chama o filho do Tabatinga?

— Qual nada! E' o velho, que remoçou com a operação do dr. Voronoff...

Começava a comprehender o mysterio dos Tabatinga e de Juventopolis. Mas, então, o Voronoff naquellas alturas? Eu o sabia em excursão pelo Estado de São Paulo, mas nunca imaginara que...

— Pois é como lhe digo, proseguiu o Manoel, desviando o carro de uma creança que vinha puxando, distrahida, um carneirinho pela mão. Appareceu aqui, ha mezes, esse doutor estrangeiro e fez um tratamento em todos os velhos da cidade. O remedio era tirado de uma «GLANDE» de macaco, segundo ouvi dizer. O certo é que os velhos começaram a comprar macacos a peso de ouro. Para o intendente, o velho Assumpção, veiu um macaco do Amazonas que custou tres contos e quinhentos. O homensinho operou o Assumpção, o Tabatinga, o João dos Santos, o Pedro Cotovia, o Joaquim Pereréca, e até o velho Tupinambá, de oitenta e seis annos, que já não enxergava um palmo, e anadva apoiado em muletas! Sim, senhor! Até o velho Tupinambá esteve no hospital para soffrer a operação do dr. Voronoff. E sabe que mais, «seu» doutor? Pois essa gente toda remoçou que foi uma belleza! Tudo novo, parecendo menino de dezoito annos, quando começa a apontar a barba, e a engrossar a voz!

O CHAUFFEUR ria, deliciado, com evidente perigo da segurança do carro, que pulava como um cabritinho solto.

— Olhe, Manoel, que amarrotamos a cara nessas pedras soltas! Mas, então por que esse grande sabio remoça e fortifica os velhos de Juventopolis é que ha essa revolução toda?

— Exactamente, por isso! confirmou o CHAUFFEUR, cessando de rir e entrando, nesse momento, na rua da Alegria, onde ficava o Hotel do Oriente, o principal da terra. Os velhos, logo que se sentiram, de novo, rapazolas, deram para namorar as raparigas novas da cidade, que pareciam nunca ter visto mulher! Cairam nas festas, e nenhum mestre de dansa destas redondezas se queixou mais de falta de dinheiro. São os primeiros em todas as «furupadas», e alguns até já abandonaram as suas mulheres legitimas para viver ahi, á tôa, a má vida. Ora, as velhas, que não tomaram o remedio do doutor estrangeiro, revoltaram-se, justamente, com a pouca vergonha. Eram seus maridos, afinal, e não podiam abandonal-as assim do pé para a mão, como uns trapos velhos. E agora estão dispostas a tocaiar o tal doutor na estrada de ferro, para elle fazer com ellas a mesma operação, ou envelhecer, de novo, os seus maridos. E, afinal, ellas têm ou não têm razão, «seu» doutor? Que lhe parece?

Cocei o queixo, afflicto, compadecido daquella desgraça. E respondi, sincero:

— E' verdade, Manoel, as velhinhas têm razão. V. comprehende... Ellas tinham marido, velho ou doente, mas sempre tinham marido. E agora, de uma hora para outra, viuvas com os maridos vivos! Não, não está certo! O Voronoff não pensou nisso...

O carro tinha parado. Ia saltar á porta do hotel, quando uma subita gritaria me fez deter, com a mão no fecho da portinhola. O Manoel Fulgencio, encolheu-se, todo, no carro, gritando para mim:

— Chi, «seu» doutor! Lá vêm ellas!

Era, com effeito, uma multidão de mulheres, na sua maioria velhas, que agitavam chuços e paos agudos, gritando «ABAIXO O DR. VORONOFF»,

«ABAIXO O DR. VORONOFF», entre morras e berros de ameaça. Na frente, brandindo uma velha lança de cavalaria, marchava uma dama ruiva, de cara bexiguenta, e mais alta que a torre da igreja matriz. Na cauda do batalhão, vinham dezenas de moleques que batiam em latas velhas, fazendo um barulho de ensurdecer. Quando passaram pelo meu carro, e viram malas de viagem, detiveram-se, desconfiadas.

— E' estrangeiro? indagou, com a lança alçada, a dama ruiva, que capitaneava o bando.

Provada a minha qualidade de nacional, continuaram a marcha, gritando e dando «morras», com violencia. O Manoel, encolhido, as mãos inertes no GUIDON, não dissera palavra.

— Que é isso? perguntei a um rapaz que passava. Que manifestação é essa?

— Ellas ouviram dizer que o tal doutor Voronoff passa no trem das sete. E vão á estação vingar-se.

Reflecti um momento, e depois ordenei ao CHAUFFEUR:

— Toca o carro, Manoel. Vamos a Ribeirão Preto. Não fico nesta terra, onde tanta mulher se reune para dar num homem só, e num sabio, num grande sabio! Mas, afinal, que diabo! ellas têm razão... Assim, de um dia para o outro, sem marido! Sim, têm razão! Não deixam de ter razão!...

E o carro partiu, gingando e gemendo nas suas molas gastas, por entre a poeira da estrada, e a sombra da noite, que descia...

BERILLO NEVES

TROVAS

Tudo, tudo é relativo,
Amigos, fallemos franco:
Póde num pé bem feitinho
Ser delicado o tamanco.

O augmento dos vencimentos

Desde que se começou a comprehender no Brasil o determinismo economico que preside toda vida humana, houve quem affirmasse, durante a primeira crise séria do funccionalismo, que o augmento promettido então pelo governo correspondia, não ás necessidades dos empregados publicos, mas ás do honrado commercio da nossa praça que via as suas rendas minguarem por falta da freguezia do funccionario em fallencia.

Isso era a expressão exacta do problema e agora, mais do que nunca, em face da reacção das classes conservadoras — aliás corporações e não classes — a necessidade de augmentar a freguezia do commercio toma um caracter sério. Como acudir ao commercio? Fornecendo ao seus freguezes melhores elementos de consumo, meios de pagar contas atrazadas etc

Ora, em um paiz em que o funccionario publico occupa a metade da superficie habitada, o augmento de seus vencimentos é indipensavel; está dentro das tenazes do determinismo economico que aperta a barriga e a consciencia...

Indiscutivelmente.

A FESTA PROMETTE...

— As meninas resolveram convidar muitas amiguinhas para o pic-nic no Alto da Boa Vista. Levaremos uma vitrola. Vae haver dansa e etc.

— Pela dansa não, mas sou capaz de ir por causa do ETC...

AQUELLA MINEIRINHA FUTURISTA...

Num dos ultimos chás do ultimo inverno,
— no anno passado, já se vê —
foi que, entre um fox-trott e um tango ultra moderno,
achei-me apaixonado por Você.

Você era acanhada, era de Minas;
sempre a lidar com fusos e com rocas.
E entre a louca phalange de meninas,
dessas meninas cariocas,
eu me fiz, sem saber como e porque,
o enamorado cicerone de Você.

Você estava envergonhada quasi
no seu vestido de «charmeuse» ou gaze
— metro e meio e, talvez, porção roubada.
Nós conversámos sobre o amor. Comtudo,
posto que delle eu já soubesse tudo,
Você dizia não saber de nada.

Tive pena de tanta ingenuidade,
mercadoria que nesta cidade
a gente já não vê.
No fim do chá partimos. Toda a gente
dizia de maneira irreverente
que eu 'stava enamorado de Você.

No entanto — o mundo é muito linguarudo! —
esqueci a mineira apaixonada.

Que adiantava? si eu sabia tudo
e ella dizia não saber de nada?

* * *

Eu vi Você por varias vezes. Não me furto
de dizel-o e com magua. Pela rua,
dentro daquelle vestidinho curto,
Você ficava cada vez mais núa.

E á proporção que a vida transcorria
Você se transformava dia a dia
como certas voluveis mariposas.
O seu vestido cada vez mais curto
foi-me mostrando o inconfundivel surto:
— Você sabia já bastantes cousas.

* * *

Certa vez na Avenida, era de tarde,
á hora do apperitivo. Um grande alarde
de cores e de sons. E, de repente,
Você me surge inopinadamente
mais linda, mais mulher, mais quasi núa.
E ao meu espanto mudo,
alli em plena rua,
Você me disse que sabia TUDO!

Não quiz acreditar em tal mudança.
Você?... Uma menina... uma creança...
Emfim... eis a palestra do momento:

— Você me espera logo mais, ás cinco.
— Você não 'stá brincando?
— Eu não, não brinco.
— Onde?
— Onde?... No seu appartamento.

* * *

Você foi pontual. Vivemos...
Entretanto,
E' forçoso esconder nosso quebranto
no espaço que se segue. A historia encurto.

. . . .

. . . .

E eu que nunca suppuz (Você perdôa?)
que se encondesse tanta cousa bôa
dentro daquelle vestidinho curto!...

* * *

Por isso é que inda affirmo que me illudo
com qualquer palavrinha assucarada.
Ella de ha muito já sabia tudo
e eu tanto tempo sem saber de nada!...

Rio, 928.

LUIS ANDRÉA

O CHICO APANHOU

O interessante e destemido Francisco da Silva, vulgo Chico, é namorador. Tem uma labia especial que faz escorregar as pedras pelo mais difficil dos barrancos.

As pequenas ouvem-no com particular agrado e até ha algumas que o provocam só para ouvir o passarinho cantar.

De sorte que elle acaba de variar de cantiga.

Num dia destes, no portão da casa da Julinha, sua namorada effectiva, o Chico esgotou o repertorio, sem adiantar nada, ao que parece. De sorte que acabou com a novidade:

— O' Julinha! Vamos ao Pão de Assucar?

Ella deu um grito. Acudiu gente, e o Chico apanhou por conta dos urubús.

Bem feito.

A. E. I.

TROVAS

Por não possuir adjectivo,
Guilherme, o ex imperador,
Vae voar, para vêr si logra
Ser Guilherme, o Voador.

* * * Não é a Inglaterra e sim a Australia, o paiz onde se consomme maior porção de chá, relativamente. A média do consumo é de 8 libras annuaes por habitante.

O CORAÇÃO E O CEREBRO

«O amor é uma mentira que o coração prega ao cerebro e de que o cerebro se vinga pregando ao coração a mentira da saudade».

BERILO NEVES

A Berilo Neves, escriptor em que a verdade se reveste de graça, elegancia e belleza.

Um dia fallou o Coração ao Cerebro:

«Tu conheces o amor?»

«Conheço-o, sim», respondeu-lhe o Cerebro, «...O amor é uma mentira».

«Mentira?... Não», protestou o Coração tranzido de dôr e colera.

«O amor é a verdade, é a luz, é o calor, é a razão de tudo.

«O amor é a vida.. E a vida sem amor é um ermo melancolico e frio, como os teus raciocinios, irmão Cerebro.

Abandona os teus preconceitos... vem... vem conhecer a grande verdade do amor».

E o Coração fallou com tanto enthusiasmo e tantas ardencias pôz nas suas palavras, que o Cerebro quedou silencioso e o silencio o convenceu da verdade do amor.

E lá se foi o Cerebro, inebriado... perdido e ardoroso... envolvido de caricias... todo entregue á grande verdade do amor.

Um dia o amor morreu.

Raivoso e austero, mas com a serenidade de philosopho, chamou o Coração e assim fallou:

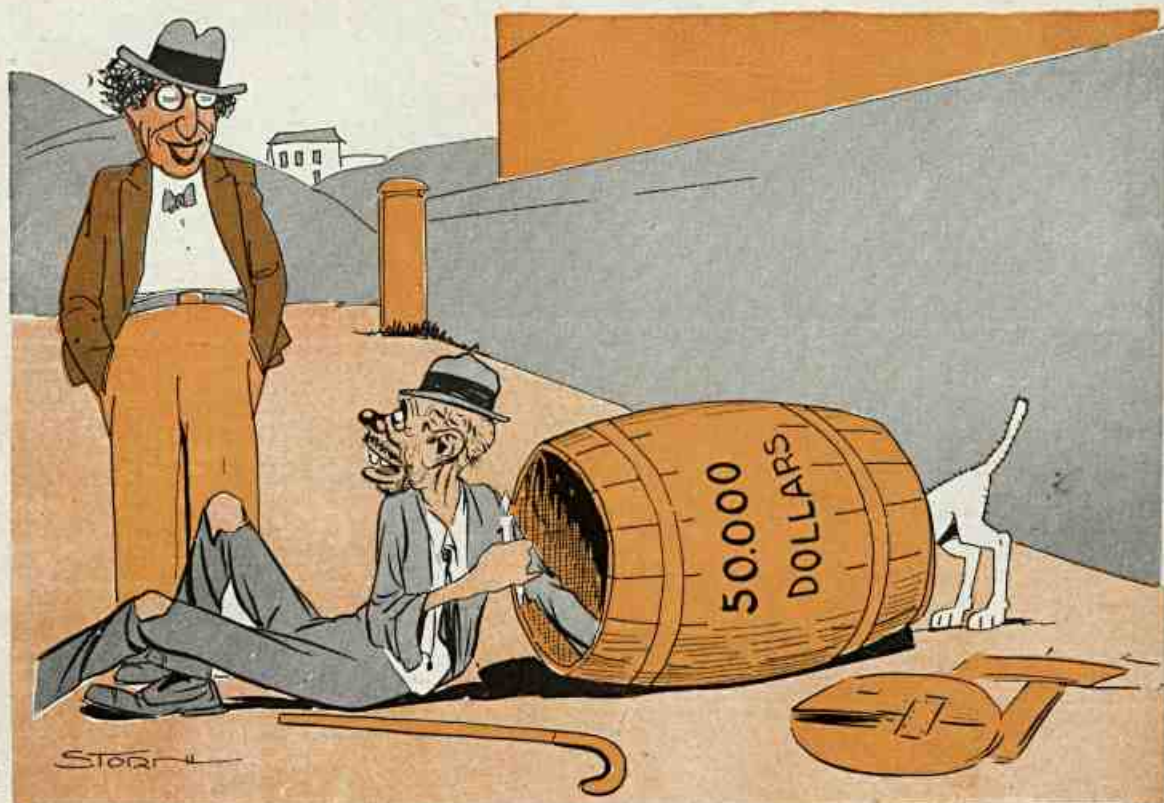
«Tu dissestes que o amor é a verdade. Mentira... Olha o meu estado... Tu me enganaste. Tu és fraco e tu foste vil».

«Mas, eu me vingo. Hei de te rememorar, minuto por minuto, a minha desgraça e a tua mentira».

E o Cerebro fez da memoria do amor uma lagrima que gotteja no Coração, instante por instante e que se chama SAUDADE.

HELY NOGUEIRA

LARGO DO MACHADO

INSTANTANEO

O POETA. — Que fazes ahi, Diogenes, estás procurando um homem ?
O DESGRAÇADO. — Não. Estou procurando um dollar!...

A evolução do luto

Está visivelmente cahindo em desuso o habito de vestir-se a gente de preto quando perde algum parente. Ha vinte annos era frequente encontrarem-se cidadãos de roupa preta, chupéu preto, botas e meias pretas, gravata preta, botões de camisa pretos, cadeia de relogio preta. Havia ainda, em volta do chapeu, uma rodilha de crepe e o peito branco da camisa era occulto por um peitilho postiço, de merinó negro. O lenço tinha uma larga barra preta. Alguns levavam o rigor ao ponto de metter o relogio num saquinho preto e só usavam guarda-chuva de cabo preto. Era um pretume fechado mesmo.

O rigor só se abrandava um pouco no caso de haver fallecido parente já afastado. A duração do luto variava tambem segundo o gráu de parentesco.

Ninguem passava subitamente do luto fechado, rigoroso, para o vestuario normal, havendo o periodo chamado de luto alliviado, caracterisado pelo xadrezinho preto e branco nas saias e nas gravatas.

Os cartões de visita e o papel para carta tambem tinham tarja de luto pesado e de luto alliviado.

Os viuvos eram obrigados a um anno fechado e outro alliviado.

Onde já vae tudo isso?

As mulheres conservavam ainda um resto da velha pragmatica, especialmente as que eram claras, para tirar partido do contraste.

Os CHORÕES, porém, ja não choram tanto. As viuvas para evitar confusões, adoptaram ha alguns annos um gracioso friso branco em torno da cabeça, e ninguem reconhece, mesmo no luto da viuvez, qualquer incompatibilidade com a saia curta e a meia de seda.

No elemento masculino a evolução tem sido muito mais rapida. Não é de hoje que o fumo no braço, a principio usa apenas pelos fardados, passou a ser adoptado, pelos civis, dispensando a acquisição da fatiota preta com os seus accessorios da mesma côr.

As pessôas nascida ha mais de cincoenta annos attribuem isso tudo ao arrefecimento da affecto. Dizia-se: LES MORTS VONT VITE em tempos que já lá vão, de enterro vagaroso. Que se dirá hoje, em pleno dominio do choche-automovel? O fumo do braço passou agora para a lapella. Incontestavelmente é mais elegante, especialmente quando o cavalheiro veste terno branco.

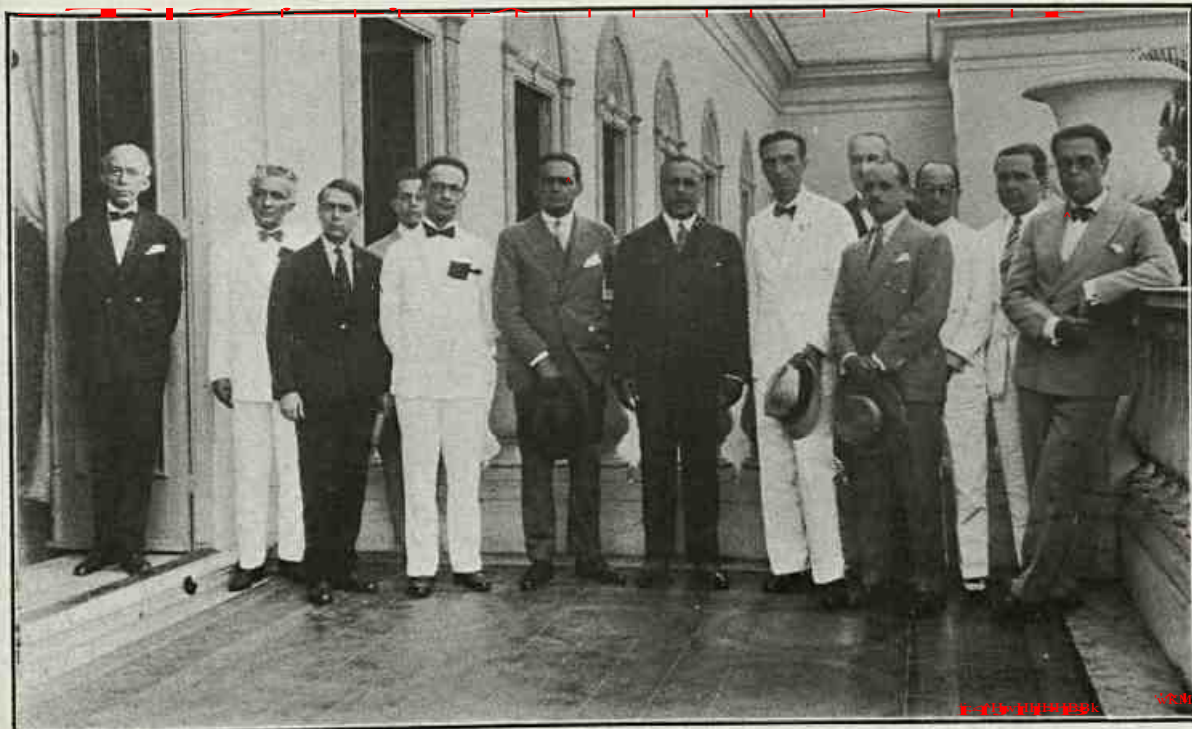
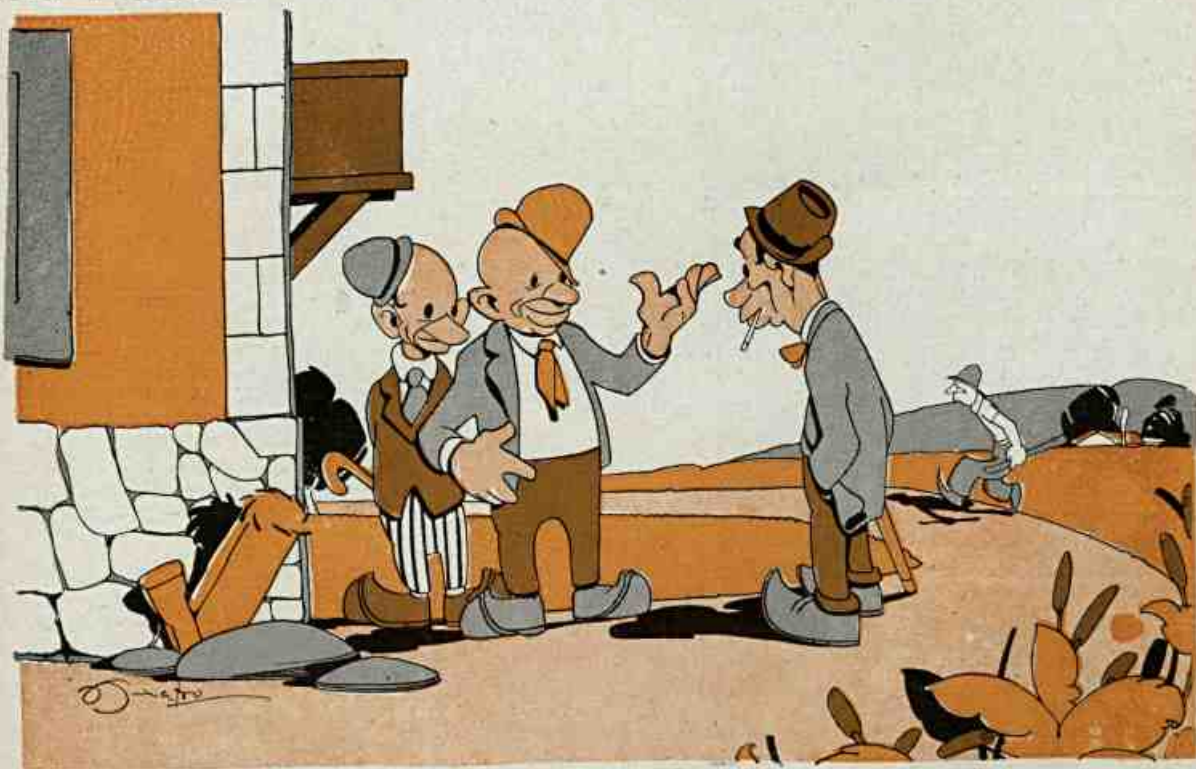
Essa elegancia póde, entretanto, requintar-se, substituindo-se o fumo por uma roseta negra, que terá o aspecto de uma condecoração.

Os noivos poderiam usar a roseta com um leve friso branco.

Ha casas que annunciam LUTO elegante. E' muito rasoavel porque, numa época em que as dansas selvagens se estylisam, não ha razão para que não se faça a estylisação da tristeza.

Que os velhos não levem a mal essa evolução de luto. Tudo evolue! A vida torna-se cada vez mais apressada, e o luto, afinal, era uma preoccupação que tomava tempo. O melhor, para não haver razão de queixas, é todos nós declararmos que dispensamos dessa formalidade os parentes e amigos, para não lhes tomar tempo. Lembremo-nos de que, tornando-se a actividade humana cada vez mais febril, póde chegar a occasião de a gente não dispôr de tempo nem para morrer!

L. Gurgo

MINISTERIO DO EXTERIOR

Manifestação do Club dos Bandeirantes ao Ministro Octavio Mangabeira.

— Chego em casa, é uma caceteação ! Os garôtos me recebem aos gritos : papae ! papae !
— Coitadinhos. Deves desculpal-os ; elles não sabem o que dizem...

PELAS NOSSAS PRAIAS

Sorrindo depois do banho.

Atravez do Telescopio

As estrellas são almas de mulher fixadas em luz no manto esburacado do Infinito. Por isso é que ellas estão sempre piscando, piscando... para os homens cá de baixo.

As CONSTELLAÇÕES são corpos de baile, reuniões de GIRLS estellares, que dão que fazer ao sol e aos astronomos e constituem a eterna tentação dos COMETAS...

A Terra é um planeta sórdido que ha milhares de annos recebe, do sol luz e calor, e não paga a conta da energia gasta. E porque é a habitação dos homens — que não têm vergonha — ainda namora á noite, com violão e cachaça, a ingenua D. Lua, mulher do Sol...

O Sol é o funccionario publico do Infinito, o rei dos astros pagantes. E' elle quem alimenta e fecunda todo o seu immenso systema planetario. O resto do mundo solar são as estrellas, meninas vaidosas que só se preoccupam em brilhar no salão de baile da Noite, e sonham em casar com COMETAS, caxeiros viajantes de uma fabrica de velas estearinas...

A Lua é o typo das das damas preguiçosas e romanticas. Serve, apenas para inspirar os poetas e provocar serenatas que, muitas veses, degeneram em tiros e cabeças quebradas. Quem anda ás voltas com ella, é tido na conta de doudo, pois logo se diz que «está no mundo da lua»...

O eclypse é a consequencia de uma intromissão indébita entre o sol e a terra. E' uma scena de ciumada astronomica que nos obriga a gastar alguns KILOWATTS de luz electrica em pleno dia...

O espaço é um immenso salão de festa carnavalesca em que tudo roda e dansa, sob a regencia de um Maestro invisivel. Como os homens, os astros tambem, ás veses, cansam de dansar, e param, de subito, immoveis e frios, deante da estrella com que bailavam. Um planeta não é mais do que um astro que perdeu a luz na dansa do Infinito.

O telescopio é um buraco de fechadura atravez do qual a formiga humana espia o bailado formidavel dos astros. Pretenciosa e ridicula, a formiga acredita, porque inventou o buraco da fechadura, que poderá, um dia, tomar parte na festa, e dansar um CHARLESTON com a Ursa Maior ou um tango argentino com Syrius...

Affirmam os astronomos que o Sol vem esfriando visivelmente, ha milhares de annos, e que acabará por morrer, sem luz e sem força, como uma lampada que se apaga. Excellentre pretexto para os amantes já enfarados de suas amadas: pois se até o sol esfria, porque não ha de esfriar tambem o amor?

No dia que o Sol, o velho funccionario publico e pai de familia, esfriar de uma vez que será da terra e de outros planetas parasitas que vivem á custa da sua luz? Tem que remediar-se com o montepio escasso da lua — se é que ella não esfriou, tambem.

Ha differença fundamental entre os astros e os homens: aquelles, quando morrem, ficam immersos na escuridão; estes quando morrem é que se illuminam...

Se o Sol não estivesse tão alto, algum ladrão terrestre ja teria conseguido um privilegio para arrendar as suas usinas. Teriamos, assim, os dias maiores ou menores de 24 horas, conforme os recursos financeiros de cada cidade...

O gato banhista.

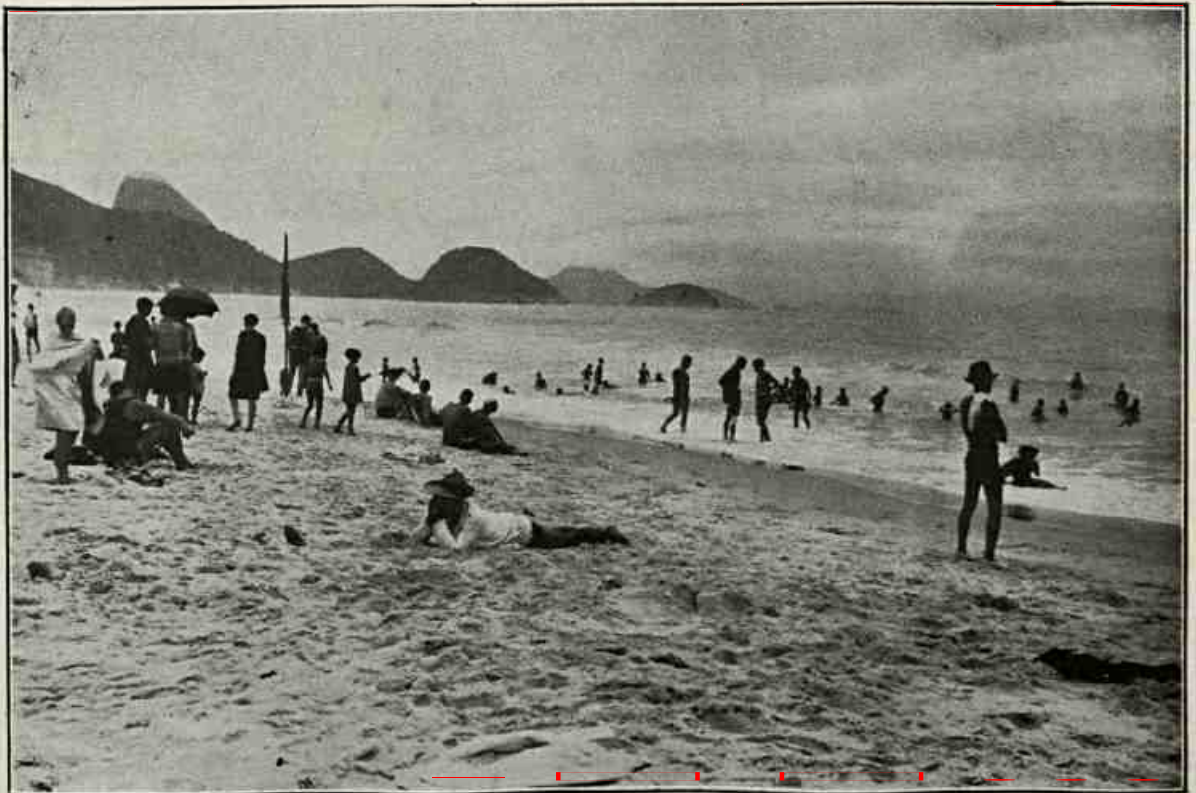
O SATELLITE é o typo do namorado romantico: acompanha o planeta a uma mesma distancia e nunca se aproxima para tentar uma palestra. Se os satellites tivessem a consciencia (ou a inconsciencia) dos homens, ja teriam convidado os seus planetas para irem ao cinema...

Saturno tem nome de homem mas ha de ser, certamente, mulher, pelo menos anda, dia e noite, ás voltas com os seus «anneis».

BERILO NEVES

TROVAS

A mulher commette ás vezes
Esta incoherencia suprema;
Vae aos bailes, sempre á noite,
Ornada de um DIA DEMA.

COPACABANA

Uma bella manhã.

— Vocês por aqui, em traje de banho ? A estas horas ?!
— Estamos fazendo o FOOTING. Somos moradores do Engenho de Dentro.

NUNCIATURA APOSTOLICA

Banquete offerecido pelo Nuncio Apostolico aos bispos que estão de passagem no Rio.

AS PRAIAS FLUMINENSES

MANHÃS NO ICARAHY.

UMA CAPACIDADE

— Então, eu soube que abandonaste a litteratura, depois que noivaste com uma gentil millionaria?
— E' verdade. Estou tentando a minha ESTABILISAÇÃO com a conversão da PAPELADA em OURO...

PELAS NOSSAS PRAIAS

A nossa flora maritima.

BLOCK-NOTES

A OPINIÃO ESTRANGEIRA SOBRE O BRASIL

Nem sempre são indulgentes os estrangeiros que nos visitam A's vezes, são até excessivamente severos. Não raro são «asuadas» que revoltam e entristecem. Só de raro em raro, por excepção, apparece lá fóra uma bella voz generosa, para dizer da nossa terra e da nossa gente coisas amaveis. Quando um Dumas, ou um Martin, ou um Hazard, ou um Kipling, ou um Lloyd George, abrindo o coração, fala do Brasil com palavras de bondade, de elogio, de enthusiasmo, todos nós, entre commovidos e incredulos, temos um instante sincero de contentamento patriotico.

INCOHERENCIA...

A nossa attitude em face do ataque e do elogio, porém, posto muito humana, está longe de ser coherente.

Sempre promptos a concordar com os louvores, por mais exaggerados que elles sejam, nós ficamos, entretanto, sériamente zangados com as censuras, até as mais razoaveis

Ahi, o povo — collectividade — tem uma attitude absolutamente identica á de cada um de nós — unidade isolada. Todos nós, repellindo com sinceridade as criticas e restricções que nos fazem, intimamente damos sempre razão áquelles que nos elogiam...

SPORT UNIVERSAL...

Mas já deviamos estar habituados á critica. Dizer mal do Brasil — toda gente o sabe — é um sport muito apreciado no mundo inteiro. E a este curioso sport se entregam, com «entrain», nacionaes e estrangeiros.

Convém, todavia, dizer a verdade: quem mais nos calumnia geralmente são os proprios brasileiros. São elles, pelo menos, que mais concorrem para o nosso descredito A prova desta verdade melancolica encontramol-a em qualquer jornal do Rio ou dos Estados.

O caso é este: os jornaes do Rio calumniam os Estados, porque os desconhecem; e, inversamente, mas sem intuitos subalternos de vingança, os jornaes provincianos calumniam o Rio, porque o admiram e amam. Parece pilheria, ou paradoxo; mas não é uma coisa nem outra. Tenho aqui á mão exemplos. Poderia cital-os, se não fôra cacête.

UM POUCO DE PITTORESCO

Fradique Mendes, que herdou de Eça de Queiroz um espirito ironico e subtil, affirmava que a vida era insupportavel sem um bocado de pittoresco depois do almoço.

Eu tive, um dia destes, depois do almoço, lendo a chronica que o Sr. Lugné-Poe publicou ha tempos em Paris sobre o theatro brasileiro, esse bocado de pittoresco que torna supportavel a vida.

O folhetim do Sr. Poe, publicado em «Le Temps», edição do dia 6 de Setembro de 1926 ou 1927, além de ser uma excellente pagina de propaganda do Brasil, tem a vantagem de divulgar, sobre pessoas e coisas do nosso theatro, algumas novidades surprehendentes, que nós absolutamente não conheciamos.

LUGNE-POE

Eu creio que não precisarei dizer-lhes quem é este sr. Lugné-Poe que escreve coisas tão bellas e amaveis sobre o nosso paiz.

Actor dos mais finos e mais interessantes do contemporaneo theatro francez, elle tem vindo ao Rio varias vezes, tendo já conquistado um logar na sympathia e na admiração de todos nós.

A platéa do Municipal conhece-o ha muito tempo, e sempre lhe deu, com sinceridade, o enthusiasmo dos seus applausos.

Sendo a um tempo, e com igual brilho, actor e critico, o Sr. Lugné-Poe é quem faz a chronica theatral de «Le Temps», de Paris.

E foi ahi, no seu prestigioso rodapé do grande jornal parisiense, que o Sr. Lugné-Poe, critico, se lembrou de pagar-nos, com uma curiosa pagina sobre o Brasil, os ardentes applausos que sempre demos ao Sr. Lugné-Poe, actor.

AMAVEIS CALUMNIAS

Nem tudo o que elle disse nesse artigo está certo. Elle disse, mesmo, coisas perfeitamente erradas. Entretanto, não ha como negar que o Sr. Poe nos prestou um excellente serviço.

Eu já escrevi, ha tempos, sobre aquillo que chamei de «amaveis calumnias», isto é, os elogios que nos fazem, cheias de bôas intenções, pessoas sinceramente mal informadas a nosso respeito.

E creio que nesse momento disse a minha opinião: considero utilissimas essas «calumnias». De resto, acho util tudo o que se escreve, lá fóra, sobre o nosso paiz. Fico contente toda vez que leio artigos ou livros sobre o Brasil, mesmo quando esses livros e artigos são injustos, são errados ou são mentirosos. E' melhor dizer mal do Brasil do que não dizer nada! Prefiro o ataque, a injuria, a calumnia, ao silencio e á indifferença. Pessoalmente, fico sempre contente quando me aggridem, me negam ou me injuriam.

Erradas ou certas, offensivas ou encomiasticas, pouco importa, todas as coisas que se escrevem sobre nós têm uma utilidade incontestavel: provam que nós existimos, o que muita gente não sabe... O sr. Assis prestou-nos serviço tão util como Lloyd George.

Foi, por isto, que li, com um commovido interesse, as amaveis calumnias que o Sr. Lugné-Poe publicou a proposito do theatro no Brasil.

O THEATRO BRASILEIRO...

O Sr. Lugné-Poe, que, além de outros titulos, possue o de director intellectual de um periodico de propaganda brasileira em Paris — «Brasil», faz nos, no seu folhetim de «Le Temps», revelações sensacionaes.

Primeiro que tudo descobre esta coisa que nós ignoramos: a existencia do theatro brasileiro.

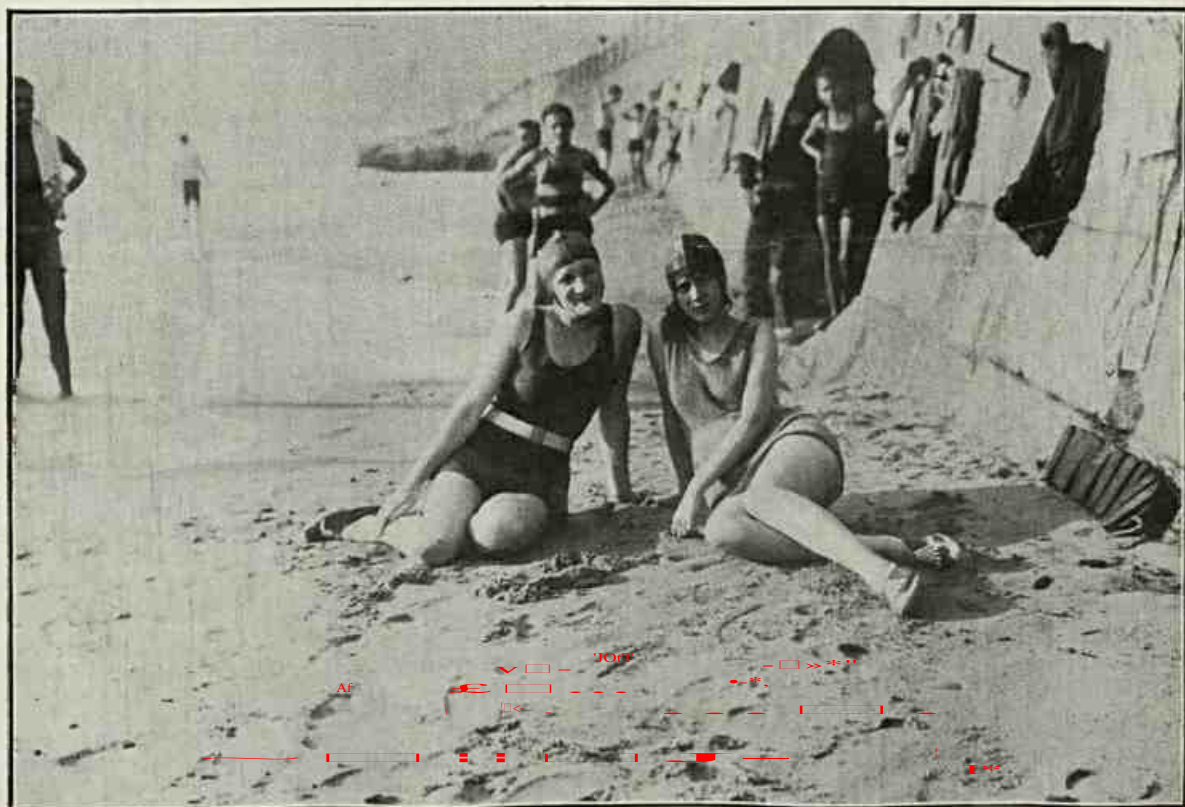
Depois, dá-nos uma série deliciosa de informações positivamente pittorescas sobre esse mesmo theatro.

Aqui vão, de passagem, alguns exemplos, das descobertas do Sr. Lugné-Poe.

Para elle, Bilac não é Olavo — mas Octavio. O Sr. Luiz Peixoto, co-autor da peça «Esquecer» (que elle diz — «Esquecero»), foi promovido, talvez em homenagem ao «Jornal do Commercio» — a Luiz Pacheco! E o sr. Procopio Ferreira passou a chamar-se, tranquillamente Procopio Costa. A José Verissimo, que era apenas mestiço, o Sr. Poe chamou-lhe «João». Mas o melhor quinhão, no artigo do Sr. Poe, coube ao Sr. Claudio de Souza. Tratando deste «immortal», o critico de «Le Temps» cita-lhe apenas as duas obras mais notaveis: «Flores de sombra» e... «Gastão Tojeiro»! E' exacto. O Sr. Gastão Tojeiro foi transformado summariamente em «obra» do Sr. Claudio de Souza — e obra que o Sr. Poe affirma ser, «parmi les autres piéces spiritual reflect carioca» !!!

E o Sr. Claudio de Souza, será obra de quem?

Mas, ainda que cheia desses erros pittorescos, ou talvez principalmente por isso mesmo, o artigo do Sr. Lugné Poe deve merecer a nossa sympathia e gratidão. E' — nos util a amizade do Sr. Poe. Até mesmo porque pode dar-nos, de vez emquanto, com essas informações sobre o theatro brasileiro, um pouco de pittoresco depois de almoço, o que equivale a dizer: um pouco de alegria e bom-humor — uma optima digestão.

PEREGRINO JUNIOR

PRAIA DO FLAMENGO — As manhãs de Sol.

UM SORRISO PARA TODAS...

Os dias da semana estão distribuidos entre as grandes damas da sociedade carioca, que dispõem d'elles como se fossem propriedade sua.

As tardes das quintas-feiras, por exemplo, pertencem a madame. E madame está certa de que Deus, se criou as quintas-feiras no mundo, foi para que os seus salões brilhassem lindamente... As quintas-feiras do Rio lhe pertencem, como o seu collar de perolas ou o seu «fox terrier». E ella sabe uzal-as com discreta elegancia, tirando d'ellas, como do seu «fox terrier» ou do seu collar de perolas, todas as parcellas de prazer e de belleza decorativa que ellas lhe podem dar.

Os seus «chás das quintas» são, entre nós, uma tradição. Têm sempre um programma complexo e variadissimo: «sundays», biscoitos, licores, refrescos, «flirts», literatura e musica. Mas o que apavora sobretudo as amigas de madame é a literatura e a musica. Oh! as afflictivas poesias que declamadeiras profissionaes «executam» com aquelles classicos e esguelados atropellamentos vocabulares que a *mulher do sr. Stolek* ensinou ás suas discipulas cariocas! *Depois, alem dessas atropelladoras* de rythmos e gestos, tem-se uma *menina* (premio do Conservatorio) que «interpreta» Chopin com inexoravel sentimento...

Indo uma quinta feira destas á recepção de madame, um illustre escriptor, ao ouvir uma *profissional* indigena da declamação estropiar barbaramente uma *poesia* de Guilherme de Almeida, e recordando *ainda* o concerto de *piano* de uma alumna do Conservatorio, fez esta *reflexão*, com gravidade:

— Madame é inimiga das artes. Desejando incompatibilizar a nossa alta sociedade com a Musica e a Poesia, resolveu incluir no seu programma alumnas da sra. Singerman e do sr. Guanabarino... E' a peior propaganda que se pode fazer contra a musica e a poesia! D'aqui a pouco, todas essas senhoras elegantes que dansam o «charleston» e tomam sorvetes, vão, incorporadas, solicitar do governo, o fechamento da Academia e do Instituto!

* * *

A vida do Rio oscilla agora como um pendulo entre duas calamidades igualmente insupportaveis: o calor e a chuva. Quando não temos 38.° á sombra, fatalmente temos o diluvio. E entre uma temperatura de inferno e uma inundação de fim de mundo, com franqueza, a gente não sabe o que preferir... E' melhor não preferir nenhuma. E esperar o inverno, que ás vezes chega em Maio.

* * *

Absolutamente elegante, «toilette» de Worth, chapéo de Lews, esmaltes raros e camafeus antigos nos pulsos, collar de perolas authenticas a beijar lhe a neve rosa do pescoço, e no corpo lindo a caricia cara de Malines e Pekim, trescalando «L'heure bleu», ella era a imagem viva da belleza moderna. Mas, olhando-a, a gente sentia que áquelle encantamento feito mulher faltava alguma cousa: faltava esse dôce, esse incomparavel milagre espiritual que se chama sensibilidade Indifferente ao grande amor que a sua belleza acordara no coração d'aquelle rapaz, ella sorria, sem se lembrar de que um dia poderia repetir em lagrimas os versos de Musset:

«Un jour tu sentiras peut-être
Le prix d'un coeur qui vous comprend,
Le bien qu'on trouve à le connaître,
Et ce qu'on souffre en le perdant...»

INSTANTANEOS

VIII

— E' dona de uns lindos olhos negros. Typo da bôa. Candidata a todos os premios de belleza do Rio. Quando não for eleita, pode pedir «habeas-corpus». Frequentou a missa de S. João, o Fluminense, o Posto 4, o cinema Odeon e outros logares elegantes. Mas já não os frequenta. 3 toneladas de «flirts». Opinião sobre o casamento: «é para os «trouxas». Mas está arrancando p'ra casar. Banca a raposa de La Fontaine.

* * *

Os dois — provavelmente noivos — entraram, braços dados, contentes, n'uma sorveteria da Avenida.

Acompanhando-os — «chaperon rouge» dos mais condescendentes — uma meninota toda pintadinha e risonha.

Sentaram se todos tres a uma mesa:

— Sorvete de abacaxi; refresco de manga; licor de cacau.

Mas, antes do «garçon» servil-os, já elle, insinuando a mão por baixo da mesa, tentava fazer sondagens clandestinas. Ella presentindo olhares indiscretos, criou lhe obstaculos á tactica de assalto...

Assim, mãos e pernas misturados em baixo da mesa, sob o bombardeio cerrado de mil curiosidades offegantes e indiscretas, elles ficaram longo tempo, sem tomar refresco e sem beber licor...

O «chaperon» amavel — a unica pessoa que não viu — engulio o seu sorvete e pediu mais...

A profissão literaria, entre nós, é humilhante e onerosa. Seria talvez mais exacto dizermos: é uma profissão inexistente. Porque se não *fossem as muletas* povidenciaes da burocracia, os nossos homens de letras já teriam todos morrido de fome.

E, n'um paiz de 37 milhões de habitantes, só um facto póde explicar este melancolico phenomeno: a ausencia de editores. O Brasil não possue editores. Os poucos que andam soltos por ahi com esse nome pomposo são inimigos declarados da nossa literatura. Inimigos e «proffiteurs». O editor, no *Brasil*, só tem um programma: roubar e humilhar o escriptor. Com essa dupla finalidade tem conseguido esta coisa *extraordinaria* que *nenhum* escriptor no Brasil conseguiu até *hoje*: *enriquecer!*

Emquanto os nossos maiores escriptores — de Machado de Assis a Lima Barreto — depois de terem longamente treinado para «cavallos de Inglez», morreram pobres, no refugio official da burocracia, todos os nossos editores — do velho Alves ao Quaresma — fizeram fortuna. Isto não impede, entretanto, que todos elles vivam a diffamar systematicamente os nossos homens de letras e a nossa literatura, responsabilizando-os por aquillo que convencionaram chamar a sua «ruina»...

Por tudo isto é que causa espanto e alegria, entre nós, o apparecimento de um homem da coragem do sr. Herculano Vieira, que, em São Paulo, fundou e mantem uma publicação como a «Feira Literaria».

Bem impressa, bem feita, organizada com um agúdo senso do momento brasileiro, a «Feira Literaria» publica, todos os mezes, n'um volume elegantissimo, contos e novellas de escriptores brasileiros.

E' uma publicação que honra a nossa altura, e enche de enthusiasmo todos os brasileiros que sabem ler.

Essa linda publicação, que já editou contos de Ribeiro Couto, Plinio Salgado, Alcantara Machado, Théo-Filho, Mario Graciotti etc. — pertence aos moços do Brasil.

A iniciativa do sr. Herculano Vieira enche-nos de alegria e esperança.

Fundamentalmente methodico — methodico como um imbecil — elle anda na vida como um cavallo de carro, entre varaes, sem se desviar uma polegada do caminho do Dever.

Tem hora certa para tudo: para comer, para dormir, para trabalhar, para divertir-se. Tem medidas exactas para as roupas e para as idéas. Está sempre bem com Deus e com o governo. E pensando fixamente nos seus deveres, esquece que tem tambem direitos. E' um burocrata feliz: ganha pouco, mas ama o serviço sobre todas as coisas. E esse premio de virtude resolveu agora casar-se. Escolheu esposa: uma «melindrosa» authentica.

Por isto é que na repartição em que elle trabalha, e onde, apesar da sua dedicação, tem sido preterido tantas vezes, os collegas maledicentes já dizem com ironia: — «Elle agora vae fazer carreira. Qualquer dia será promovido!»

PEREGRINO

LARGO DO MACHADO

INSTANTANEO

A MORTE IMPRESSIONANTE DE DOIS NOIVOS

I — O corpo de Ophelia, no estado em que foi encontrado no despenhadeiro das mattas do Pão de Assucar. II — Os restos do corpo de Octavio. De perfeito só restava a mão. Tudo mais foi devorado pelos urubus. III — Ophelia e — IV — Octavio, os romanticos namorados que se precipitaram do Pão de Assucar.

O problema do Americo

O Americo é funccionario. Isso quer dizer que entre o Americo e o internado do Prompto Soccorro a differença é apenas da Assitencia e não de estado ou de desastre.

O Americo conhece o seu estado: sabe que está para morrer e já chegou á conclusão logica. Elle explica:

— Tive um primo, o Augusto, que era um poço de molestias. Não se tratava e vivia; vivia das proprias molestias, ou, antes, as molestias precisavam do Augusto para viver. Num dia, o Augusto foi tomar um remedio para se curar. Tomou a primeira dose e morreu. Morreu porque assanhou e revoltou todas as molestias que viviam em paz dentro da sua pelle e da sua carcassa.

Assim sou eu. O meu estado financeiro é o mais completo syndicato de desastre que se pode imaginar; no dia em que eu arranjar dinheiro para remediar a minha situação, nesse dia eu vou para a cadeia por dividas... Eu nem quero falar em dinheiro. E' um veneno, um veneno para as minhas necessidades. Eu vivo de necessidades, ou, antes, as necessidades é que vivem á minha custa: ellas precisam de mim e me conservam no meu emprego publico.

Meu primo morreu porque tomou remedio. Eu não quero augmento de vencimentos nem emprestimo, nem nada...

A. E. I.

TROVAS

Aguçae, brasilea gente
A vossa curiosidade:
Parece que na Argentina
Ha eleições de verdade.

* * * Os desertos cobrem quasi vinte e cinco por cento da superficie terrestre.

Generos de Consumo

Tabella das feiras-livres approvada pelo governo para vigorar até o augmento dos vencimentos dos empregados publicos:

Arroz (com casca) 1 000 reis o kilo.
Idem (sem casca) 3.000 o kilo (com direito a um papel de embrulho)
Milho (espiga) 800 reis
Idem (grão) para bornal 1.200; para fubá 2.000
Melado; garrafa 3.000
Idem (com agua) 2 500
Rapadura: (unidade) 1.000 rs.
Alfafa: (fardo) 25.000 rs
Idem; (avulso) 2.000 o kilo.
Capim: (feixe) 500 reis.
Idem (especial) 2 000 o kilo.
Farello (cuia) 600 reis
Feijão (escolha) 5.000 o kilo (sem direito a sacco de papel).
Verduras: Diversas, a diversos preços.

SOBRE OS HOMENS

O homem que se deixa dominar por uma mulher não é nem homem, nem mulher: não é nada.

NAPOLEÃO I

ESCOLHEI A VOSSA EDADE

DEUS COROA AS MULHERES QUE SABEM CONSERVAR E DEFENDER A MOCIDADE

A felicidade é mais necessaria para a mulher, que para o homem. Por isso não pode ser feliz a mulher que não tem attrativos.

A belleza consiste apenas numa questão de excellente pelle, que representa a mocidade.

O creme Rugol é usado diariamente por milhares de mulheres que deslumbram pela sua belleza.

Faça uma leve massagem na pelle, após uma bôa camada de creme Rugol, espalhando-a com os dedos, de modo a fazel-a attingir todos os póros e em todas as partes do rosto. Depois de bem dissolvido e absorvido pelos póros, faça uso de um bom pó de arroz, e sentirá logo a pelle limpa, fresca e assetinada.

As massagens com creme Rugol no rosto, pescoço, braços e mãos, fazem desapparecer as manchas e sardas, por mais rebeldes que sejam.

O creme Rugol, sendo usado com assiduo cuidado previne e elimina as rugas ou rugosidades, substituindo-as por uma pelle avelludada e cheia de frescôr.

O creme Rugol, mesmo usado apenas como fixador de pó de arroz, conserva a louçania physionomica, fortalecendo a têz, dando-lhe um tom sadio.

VANTAGENS DO RUGOL

1.º Uma simples lavagem faz desapparecer os seus vestigios.

2.º Innocuidade absoluta; até uma creança recem-nascida póde usal-o.

3.º Absorpção rapida.

4.º Adherencia perfeita, usado como fixativo de pó de arroz.

5.º Não contém gordura.

6.º Perfume inebriante e suave.

RUGOL É ENCONTRADO NAS BOAS PHARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE V. S. NÃO ENCONTRAR RUGOL NO SEU FORNECEDOR, QUEIRA CORTAR O COUPON ABAIXO E NOS MANDAR QUE IMMEDIATAMENTE LHE REMETTEREMOS UM POTE.

Unicos Cessionarios para a America do Sul: ALVIM & FREITAS
Rua do Carmo, 11 — Caixa, 1379 — São Paulo

COUPON

Srs. Alvim & Freitas - Caixa, 1379 - S. PAULO

Junto remetto-lhes um Vale Postal da quantia de 15$000, afim de que me seja enviado pelo correio um pote de creme Rugol.

NOME. . . . .

RUA. . . . .

CIDADE. . . . .

ESTADO . . . .

* * * A construcção da basilica de S. Pedro, o maior templo de Roma e a mais valiosa do mundo, começou no tempo do papa Julio II, 1506, e durou mais 176 annnos. Custou rios de dinheiro e occupa o logar de uma igreija anterior, que era riquissima em obras de arte, algumas das quaes foram conservadas e repostas no novo templo.

---

* * * O chinez que, no 1º dia do anno não paga suas dividas, tem que ficar o dia todo com um pharol acceso, até pagal-as.

Para elle, não amanheceu o anno novo; continúa, o anno velho, até que se liquidarem todos os compromissos contrahidos.

Do repertorio cavador:

— Estou-me convencendo de que nós precisamos mesmo attrahir touristes.

— Pelo dinheiro que elles possam gastar aqui?

— Não é só por isso. Os touristes revelam ás vezes utilidades imprevistas.

— Não sei quaes sejam.

— Pois veja o rei Fernando da Bulgaria. O homem lembrou a necessidade da defesa das borboletas nas mattas cariocas. A defesa! Entende bem? Empregos pela certa!

---

* * * As tartarugas são animaes que parecem quasi insensiveis e desprovidos de intelligencia. Mas tal não se dá; por exemplo, quando sentem algumas gottas de chuva, dirigem-se para o seu abrigo habitual, com a maior velocidade de que são capazes; gostam da luz brilhante do sol e, no inverno, raramente saem dos esconderijos; conhecem as pessoas que lhes dão de comer e as distinguem perfeitamente entre muitas outras.

---

* * * Ha um calculista indiano, competidor do grande Inaudi que tem assombrado pela rapidez e segurança com que resolve problemas complicadissimos. Babu Bose é o seu nome. Retem em sua memoria todas as quantidades, como si estivesem escripta em papel.

Sua alimentação consta unicamente de cinco refeições semanaes e compostas só de vegetaes. Diz sempre que está muitoo fraco, não nega, mas que, em compensação, tem sempre a cabeça clara.

---

* * * Os ratos se reproduzem em geral de 3 a 6 vezes por anno, dando de cada vez 6 a 12 filhotes, ou sejam 18 a 72 filhos annualmente.

Nos logares de alimentação facil e abundante, estes animaes podem produzir 72 a 144 filhos no espaço de 1 anno.

Um casal de ratos reproduzindo-se 3 vezes por anno, e tendo de cada vez 8 filhos, sendo o numero de machos igual ao de femeas, deixará no fim de 3 annos, uma prole approximada de 4 milhões de ratos.

LENDA HINDU

A nosso tradicional festa de S. João, com foguei ras e fogos é a festa do solsticio de verão, a festa do fogo pagão, a festa de Agni.

Agni é o Deus do pantheon Vedico ou dos Vedas, é o fogo divinizado. Sol, no céu e, na Terra, o fogo do lar e do altar.

O Agni terrestre era o mensageiro que, elevando-se ao ceu, é portador das offerendas e dos votos dos mortaes; tambem conduz á morada dos antepassados a alma do corpo, depois de reduzido em cinzas. Mas, um dia, deixou Agni de ter este papel secundario e conseguiu de Varuna, o Deus supremo, um logar entre os grandes deuses. Tornou-se então a consciencia do mundo; é a «testemunha de mil olhos» que denuncia o peccador; mas, bom e misericordioso, intercede sempre por elle.

Representam-no com o corpo vermelho, tres pernas, sete braços, montado num bode ou carneiro, em umas das mãos empunha um machado e na outra a colher das libações; sete linguas sahem da sua bocca e sete raios do seu corpo.

* * * No «folk-lore» dos indios do Brasil, Agniano é um dos genios maus. Tem a vingança de arrancar os cadaveres das sepulturas, si, por accaso a familia do morto esquece de deixar alguns viveres em rodor das mesmas.

* * * Na Africa do Sul ha uma aranha pescadora, pertence á familia dos THALACIUS SIENCESI.

Alimenta-se de pequenos peixes que apanha da seguinte maneira:

Fixa duas de suas longas patas, que são dotadas de força excepcional, a uma pedra ou outro ponto fixo qualquer, deixando as outras quatros fructuarem na agua. Permanecendo immovel, os peixes passam lhe perto, sem receio, mas ao lhe tocarem, nas patas são aprisionados e puxados para fóra d'agua onde o interessante insecto os devora calmamente.

* * * Segundo o calculo de um observador, cerca de 500 milhões de homens vivem em casas, 700 milhões em tendas e cavernas e 250 milhões vivem apenas nos campos e montanhas.

Mamãesinha, o que é isto?
Uma coisa universalmente conhecida e estimada. Tem trazido desde muitos annos os maximos beneficios a milhões de pessôas, homens, mulheres e creanças nos cinco continentes do mundo. E' a frequentemente imitada mas nunca igualada Urotropina Schering. Os comprimidos SCHERING DE UROTROPINA evitam e curam doenças infecciosas geraes, como grippe, typho, e constituem um desinfectante efficacissimo e completamente innocuo da bexiga e dos rins assim como das vias urinarias, intestinaes e biliares. Vidros com 50 comprimidos de 0,5 gr.
50 compr.
Urotropina
Schering
9501
BOOTHBY